

# Dom Jaime de Barros Câmara *sempre o mesmo*

Pe. José Arturino Besen  
Professor de História da Igreja

**A**guns traços biográficos e reflexões sobre a vida de Dom Jaime de Barros Câmara, Cardeal Presbítero da Santa Igreja Romana do Título dos Santos Bonifácio e Aleixo, Arcebispo Metropolitano do Rio de Janeiro, descendente dos RAPOSO DA CÂMARA

do Rio Grande do Norte, Acólito da Matriz de São José da Terra

Firme, Zelador do Apostolado da Oração, Presidente da

Congregação Mariana do Ginásio Catarinense,

Capitão do Futebol Clube Catarinense de São José,

Nadador de muitos méritos, Corneteiro do Pelotão do

Colégio dos Padres Jesuítas, Sacerdote do Bispado de

Florianópolis, Vigário Paroquial de São Sebastião do

Rio Tijucas, Capelão do Hospital de Caridade, Cura da

Catedral de Nossa Senhora do Desterro, Fundador e

primeiro Reitor do Seminário Nossa Senhora de

Lourdes em Azambuja, Cônego Teologal do Cabido

Metropolitano de Florianópolis, Monsenhor Camareiro

Secreto de Sua Santidade o Papa Pio XI, Bispo

Diocesano de Mossoró no Rio Grande do Norte,

Arcebispo de Belém do Pará, 1º Presidente do Conselho

Episcopal Latino-Americano (CELAM), Presidente da

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB),

Ordinário dos Católicos dos Ritos Orientais no Brasil,

Vigário Militar do Brasil, Grão Chanceler da Pontifícia

Universidade Católica do Rio de Janeiro, Doutor

"Honoris Causa" da Universidade Católica de Porto

Alegre, Grã-Cruz de Isabel a Católica de Espanha, Grã-

Cruz do Cedro do Líbano, Grã-Cruz de Goitacaz da Colômbia, Grã-Cruz da Síria, Grã-Cruz da Marinha Brasileira,

Medalha de Guerra, Medalha da Cruz Vermelha, alma de vigário de aldeia, nascido em São José, Santa Catarina, aos

3 de julho de 1894, celebrando o centenário do seu nascimento.



*+ Jaime Cardeal Câmara  
Arcebispo do Rio de Janeiro*

1894 - 1994

## DO LAR AO SACERDÓCIO

A família RAPOSO DA CÂMARA chegou ao Rio Grande do Norte em princípios do século XVII. Veio com o fidalgo Manoel RAPOSO DA CÂMARA, morgado na ilha de São Miguel dos Açores. Diferente dos outros imigrantes, não veio para ganhar o pão, mas para fixar-se no Continente e multiplicar os recursos que trouxe. Um descendente, Francisco Xavier da CÂMARA, fez vida militar, como quase todos da família, e seguiu para o sul, onde se bateu nas guerras da Província Cisplatina, conquistando promoções e medalhas de honra. Usava o nome de Francisco Xavier de OLIVEIRA CÂMARA, o Oliveira vindo do lado materno.

Um filho de Francisco Xavier, o Capitão Joaquim Xavier de OLIVEIRA CÂMARA, natural de São José, Escrivão de Órfãos, viúvo de Júlia Firmina de SOUZA CÂMARA, da qual tivera dois filhos, casou-se em segundas núpcias aos 45 anos, em 7 de abril de 1893, com Ana de Carvalho BARROS, natural de Salvador da Bahia e residente no Desterro, então com 29 anos de idade. Testemunharam seu casamento o Tenente Coronel João Luiz FERREIRA DE MELLO e o Tenente Francisco Xavier de OLIVEIRA CÂMARA.

Deste matrimônio nasceu JAIME DE BARROS CÂMARA, descendente em sexta geração do morgado RAPOSO DA CÂMARA, em São José da Terra Firme, Santa Catarina, aos 3 de julho de 1894 (no Livro de Batismo consta 3 de agosto). Era neto paterno de Francisco Xavier de OLIVEIRA CÂMARA e de Maria Benedita de OLIVEIRA COSTA; neto materno de Balduino Cândido de BARROS e de Maria Albina de CARVALHO.

O desejo da mãe era que se chamasse "Joaquim", nome de seu pai, mas depois entraram em acordo e lhe colocaram o nome de Jaime, deixando o "Joaquim" para outro filho. Recebeu o Batismo na Matriz de São José da Terra Firme em 1º de janeiro de 1895, ministrado pelo Pe. Francisco Pedro da CUNHA. Foram padrinhos o General, depois Marechal, João Pedro XAVIER DA CÂMARA e esposa, Maria Emília de ALBUQUERQUE CÂMARA.

### Recebeu o Batismo na Matriz de São José da Terra Firme em 1º de Janeiro de 1895

Foi crismado também em São José, em setembro de 1900, por Dom José de CAMARGO BARROS, Bispo de Curitiba, tendo como padrinho seu primo irmão, o violinista e compositor João Adolpho FERREIRA DE MELLO.

Primeiro da família, teve mais cinco irmãos: Gastão, Amantino, Saul, Joaquim e Hernani. Muito curioso, queria saber o que estava escrito nos caixotes que entravam em sua casa. Assim, aos seis anos já sabia ler e foi matriculado na Escola Pública Mixta, dirigida pela professora Cândida BORN DE SOUZA. Após o curso, como em São José não houvesse escola superior ao curso primário, teve aulas particulares com o promotor público Dr. Antônio CORRÊA DE OLIVEIRA, pernambucano.

Em 1906 foi matriculado no Ginásio Catarinense de Florianópolis, dos Padres da Companhia de Jesus, onde concluiu o Curso Secundário em 1912. Foi aluno brilhante em todos os sentidos: no estudo, nos esportes, na música.

Conquistava o primeiro lugar em História Bíblica, Português, Francês, Alemão, História, Grego e Latim. Formado, em 1913 lecionou no mesmo Ginásio, exercendo o cargo de "Prefeito" dos alunos externos e dos estudantes de música.

Com talento musical, participou da Banda de Música, tocando bem bombardino e piston, sendo inclusive o corneteiro-mor do Batalhão do Ginásio. Desportista, era Capitão do Futebol Clube Catarinense, de São José, à época o melhor time de várzea, tendo como goleador Artur do RIO APA. Como a equipe era invencível com tal Capitão, os adversários tanto fizeram que o transferiram em juiz, em substituição ao árbitro Aquiles GALLOTTI.

Era também o melhor nadador de sua época. Dois fatos lembram sua aptidão nos esportes náuticos. Em 1913, após concluir os estudos, banhava-se numa praia da Capital quando o exímio nadador Altamiro GUIMARÃES sofreu uma câimbra: Jaime jogou-se ao mar e conseguiu salvá-lo. Outra história, Dom Jaime gostava de contar às crianças das favelas do Rio, já Cardeal, para explicar a presença do Anjo da Guarda. *"Uma vez eu ia para o Seminário de São Leopoldo e fui dar uma volta de canoa. Por azar a canoa virou e eu ia morrendo afogado. Mas o Anjo da Guarda me ajudou e eu me apoiei de um lado da canoa. Assim a desvirei e voltei para a praia na mesma canoa"*. Contava com muito drama, deixando as crianças preocupadíssimas, pois, se não fosse o Anjo da Guarda, não poderiam ver um Cardeal numa favela...

Apenas algumas linhas sobre alguns membros da família de Dom Jaime. Seu padrinho de Batismo, João Pedro Xavier da CÂMARA, lutou na guerra do Paraguai, participando da marcha sobre Assunção. Foi chefe do Estado-Maior do Exército e Ministro da Guerra, promovido a Marechal a 24 de julho de 1905. Morreu no posto de Ministro do Supremo Tribunal Militar. O irmão, Amantino CÂMARA, foi personificação do trabalho construtor: dirigiu o Lloyd Brasileiro e foi sócio da Companhia Comércio & Navegação. Hernani, outro irmão, foi advogado, escritor e professor, colaborador do Cônego Tomás FONTES na *"Revista de Cultura"* e autor do ensaio *"A Santa Sé no Direito Internacional"*. Outro irmão, Joaquim, foi sócio e comandou a empresa A. Câmara & Cia. A mãe de Dom Jaime, Ana de BARROS CÂMARA, sempre humilde e piedosa, transferiu-se para o Rio de Janeiro com o filho Hernani, e aí faleceu.

## NASCE UMA VOCAÇÃO

Aprendera nos joelhos maternos as primeiras orações. Aos 8 anos, levou a sério sua inscrição no Apostolado da Oração. Aos 10, fez a Primeira Comunhão, bem preparada pelos bondosos padres franciscanos Nicodemus GRÜNDHOFF, Domingos SCHMITZ e Zeno WAHLBROEL, que zelosamente parquiavam a pequena cidade de São José e vizinhanças. Pouco depois, casualmente, começou a exercer as funções de acólito. Empolgavam-no os atos religiosos bem executados pelos frades, especialmente os do Natal e Semana Santa.

Aos 12 anos, estudando em Florianópolis, foi nomeado zelador do Apostolado da Oração para os colegas de curso. Mas, passando os domingos em sua paróquia, continuava acólito na Matriz de São José.

O sonho de sua mãe era vê-lo engenheiro militar, para usar o apelido do único irmão dela, que fora fuzilado na Revolução de 1894, ano de seu nascimento. Porém, ouviu seu pai dizer-lhe um dia: "*Pois, por mim, jamais cortarei a carreira de qualquer um de meus filhos, mesmo que seja a de padre. Só não os admito desocupados, vadios, sem querer nada*". (Num dia o já Dom Jaime ficou furioso quando um pai veio dizer-lhe que o filho não queria nada com nada, não servia "*prum puto dum sordado*", e então queria encostá-lo para padre... O Cardeal ofendeu-se pela desconsideração não só ao padre mas também ao "sordado"!)

Já estava com 14 anos, quando passou a freqüentar a Congregação Mariana dos ginásianos, na qual fez sua consagração a Nossa Senhora, dois anos mais tarde, a 15 de agosto de 1910. Até então não tinha pensado em ser padre, embora visitasse os pacientes Frades a cada domingo. Só lhe ocorria a idéia de contentar a mãe em seu desejo de vê-lo engenheiro militar...

Certa manhã, porém, ao regressar para as aulas, enquanto percorria de carro os 8 quilômetros entre São José e Florianópolis, no mesmo veículo viajavam dois padres franciscanos. De repente, frei Silvestre DÜSTERHAUS, assentado à sua frente, pergunta o que ele pretendia ser no futuro. "Padre", disse ele, espontaneamente, mas quase sem pensar. E continuaram no assunto pelo resto da viagem.

Depois, contudo, ficou pensativo: "*Tu disseste que queres ser padre! Mas, é sério mesmo?*" E o desejo crescia nele, pensando no bem que um padre pode fazer para a santificação própria e do próximo. Não chegou a comunicar ao pai a carreira escolhida, porque ele faleceu poucos meses depois. Já então recebera o apelido, entre os ginásianos, de "Vigarinho". Foi com pesar que deixou sua cidade natal, para residir em Florianópolis.

Sendo o mais velho dos cinco irmãos, órfão de pai, e enfrentando a pobreza, chegou a plantar capim para cortá-lo e vender a um cocheiro, pois sua mãe se esgotava em outros serviços para sustentar a numerosa família. Os jesuítas dispensaram-nos do pagamento das mensalidades. Seu tio e padrinho, o agora Marechal João Pedro Xavier da CÂMARA, residente no Rio, lhe enviava pequena mesada, mas que valia muito, naquela situação.

Terminou o curso secundário aos 18 anos, persistindo sempre em querer ser padre, e padre jesuíta. Porém, a situação econômica da família exigia que se empregasse. Felizmente a generosidade de Amantino, seu segundo irmão, aceitou o emprego que o Banco do Comércio havia oferecido a ele, Jaime.

Sua mãe fez depender do padrinho, Marechal Xavier da CÂMARA, a decisão do seu caso. Para isso foi ao Rio de Janeiro, pela primeira vez, em fevereiro de 1913. O Marechal respondeu: "*O padre serve tão bem à pátria como o soldado*". E o levou à Casa Sucena para que fossem confeccionadas as primeiras batinas.

Mesmo assim, estando fechado o Seminário do Rio Comprido, no Rio de Janeiro, e optando pelo de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, onde já tinha conhecidos, o problema ainda não ficara resolvido porque, de Porto Alegre, o Exmo. Sr. Arcebispo, Dom João BECKER, conhecendo as circunstâncias da família, pobre mas importante, garantiu à sua mãe que seria recebido no Seminário unicamente com a licença dela, escrita, mas com

firma reconhecida pelo Tabelião e com a assinatura de duas testemunhas.

Assim, em março de 1913 começou a lecionar e ser "Prefeito de Disciplina" no mesmo Ginásio onde acabara de terminar o curso, ainda em Florianópolis. Mas sempre mantinha a esperança de, um dia, Nossa Senhora lhe abrir as portas do Seminário. E rezava sem cessar.

De fato, no mês de outubro do mesmo ano de 1913 sua mãe deu-lhe, espontaneamente, a permissão de ir para o Seminário e ser ordenado, mas para ser padre de Diocese e não jesuíta. Padre de Diocese a mãe sempre pode ter por perto, e jesuíta troca a mãe por Deus.

O documento exigido por Dom João BECKER foi entregue a este e Jaime deu entrada no Seminário em março de 1914. Estava felicíssimo: ia ser ministro do Senhor, esperava desenvolver qualquer apostolado sacerdotal, principalmente entre os pobres e a gente simples e inculta...

No Seminário Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo, RS, teve como colegas os seguintes catarinenses, mais tarde também ordenados sacerdotes: Bernardo FÜCHTER, Huberto ROHDEN, José LOCKS e Nicolau GESING.

Com os jesuítas alemães, que dirigiam o Seminário, Jaime aprendeu a disciplina, ou melhor, fortaleceu-se nele o espírito de disciplina que o marcaria por toda a vida, a ponto de alguns colegas afirmarem, mais tarde, que era mais jesuíta que os jesuítas e mais prussiano que os prussianos... Isto deve ser entendido por sua origem e influência militar, onde se contaram militares de alta patente, quer do lado paterno, quer do lado materno. O mesmo se pode dizer do seu instinto intransigentemente patriótico. Nesses campos, não admitia discussão!

### **Com os jesuítas alemães que dirigiam o Seminário, aprendeu a disciplina**

Recebeu a 1ª Tonsura em Porto Alegre, aos 6 de abril de 1915, perante Dom João BECKER, e as quatro Ordens Menores na Capela do Seminário Provincial de São Leopoldo, em 30 de novembro de 1919. As três Ordens Maiores recebeu-as em Florianópolis: o Subdiaconato em 27 de dezembro de 1919, na Capela particular de Dom Joaquim Domingues de OLIVEIRA, o Diaconato aos 31 de dezembro, na Capela do Colégio Coração de Jesus e, no dia seguinte, 1º de janeiro de 1920, na Catedral de Florianópolis, teve a imensa alegria de ser ordenado presbítero.

Segundo o costume da época, para a Ordenação entregou à Diocese a apólice de \$500.000 réis, que lhe foi devolvida quando assumiu a Diocese de Mossoró, dezesseis anos depois, valendo então \$1.093.900 réis. Era uma espécie de seguro para garantir uma indenização em caso de mudança de Diocese, ou de doença, ou para a aposentadoria.

Padre Jaime de Barros Câmara podia agora realizar o que mais queria: trabalhar. Na tarde do dia da Primeira Missa, 2 de janeiro, começou a auxiliar na Catedral em substituição a Mons. Francisco TOPP, que estava no sul assistindo à ordenação sacerdotal de seus colegas do Seminário: José LOCKS, Bernardo FÜCHTER, Huberto ROHDEN e Nicolau GESING.

Faltando padre para Tijucas, a que estava anexa a paróquia de São Miguel, aceitou o encargo. Na noite de 22 de janeiro, 50 quilômetros após, numa carreta do Correio, lá chegou após um dia de viagem. O Pe. Dr. Jacob Huddleston SLATER lhe deixara por escrito o roteiro das visitas às numerosas capelas. Mas, excentricidade de doutor em Filosofia, Teologia e Letras Clássicas, não se sabendo por que virtude perdido em São Sebastião do Rio Tijucas, os tinha exarado em alemão, servindo-se porém do alfabeto grego! Era para decepcionar os curiosos! Nenhuma problema para o jovem Pe. Jaime, bom no grego e no alemão.

Seu apostolado em Tijucas e Biguaçu centrou-se na catequese, pregação e visita aos enfermos. Em meados do ano, um surto de varíola foi a ocasião para mostrar seu amor aos sofredores. Com zelo incansável procurou visitar a todos, ungir os agonizantes, encomendar os falecidos.

Em novembro do mesmo ano de 1920 foi nomeado Capelão do Hospital de Caridade, donde auxiliava nos trabalhos da Catedral de Nossa Senhora do Desterro. Por doença de Mons. Francisco Xavier TOPP, a 1º de janeiro de 1924 foi provisionado Cura da Catedral. Ali seu ministério foi exercido com o ardor que sempre o marcou, dirigindo as Associações, mas especialmente devotado à catequese e à pregação.

## FUNDADOR E REITOR DO SEMINÁRIO DE AZAMBUJA

A Igreja em Santa Catarina, apesar das experiências de Seminário em Blumenau (1877) e em São Ludgero (1911), dependia do Rio Grande do Sul para a formação de seus presbíteros. Dom Joaquim Domingues de OLIVEIRA, agora Metropolitana (com a criação das dioceses de Joinville e Lages em janeiro de 1927), era sempre mais pressionado para abrir um Seminário. Mas receava as despesas e a carência de professores.

### A 9 de março Pe. Jaime deu a primeira aula de latim: ao ar livre sob o arvoredado

A 11 de fevereiro de 1927, porém, após o Retiro do Clero, em Florianópolis, resolveu iniciar o Seminário Arquidiocesano. O Cura da Catedral, Pe. Jaime de Barros Câmara, ficou encarregado de receber dos Párocos os nomes dos futuros seminaristas. O local para o Seminário seria o Hospital de Azambuja, em Brusque, de propriedade da Mitra. A idéia não pareceu simpática: a cidade de Brusque seria prejudicada pela perda do Hospital e o nome de Azambuja recordava os deficientes mentais lá internados.

Após muitas sugestões de lugares, resolveu-se que ficaria em Florianópolis mesmo. A família ADUCCI tinha um prédio na rua José Vieira n.2, e lá se teria uma boa residência. No meio das discussões, os seminaristas estavam para chegar. E chegaram, os primeiros, de Itajaí, no dia 4 de março, a bordo do "Itapacy". Hospedaram-se, provisoriamente, nas dependências da Catedral. No dia seguinte, pelo "Max", chegaram os do sul. Onde hospeda-

los? A casa dos Aducci ainda não tinha luz, móveis, nem limpeza, e as dependências da Catedral eram reduzidas. Mas ficaram ali mesmo; com louça emprestada e mesas unidas, tomavam suas improvisadas refeições. Compraram-se colchões, cobertores, uma improvisação geral.

No dia 6 de março os seminaristas visitaram a nova casa e tiveram algumas aulas com Dona Hilda DOMINONI. Dois dias depois foram para o "Seminário", sem espaço, em meio a reformas. Arrumaram-se 14 camas, e o Reitor ficou sem nenhuma... A 9 de março Pe. Jaime deu a primeira aula de latim: ao ar livre, sob o arvoredado, escrevendo o Pe. Reitor na areia do quintal, com uma vara. Um poeta ex-aluno, anos depois, recordou a cena:

*Livros não há para que o aluno leia.  
Novo Anchteta, vós traçais na areia  
o ensino salutar ...*

No dia 12, o primeiro banho desde a chegada dos meninos. Nem parece que o mar estava ao lado... Não era possível continuar num espaço tão estreito, com tantas despesas sem futuro. E Dom Joaquim decreta que o Seminário irá para Azambuja mesmo. No dia 18 de abril, parte o primeiro caminhão com as mudanças, seguido no dia seguinte por outro, que leva os meninos e o Pe. Jaime. Viagem sobressaltada, o caminhão sendo rebocado, os alunos devendo desembarcar a cada subida mais íngreme, enfim, dois dias de viagem depois, chegam a Azambuja meia noite passada.

O Seminário se instala no 2º e 3º andar do edifício do Hospital. No 1º andar, os doentes e a residência das Irmãs da Divina Providência. Ao lado, o prédio dos deficientes mentais. Um pouco mais atrás, a pocilga, donde os permilongos partiam para musicar o sono do Reitor e dos seminaristas.

Pe. Jaime se dedica incansavelmente aos alunos, deles não se desgrudando em nenhum momento. Exige silêncio absoluto nos estudos, disciplina rígida, piedade e trabalho. Funda logo a Congregação Mariana, estimula a música, o teatro, passeia com os meninos pelas redondezas ou, fato que chamava a atenção, faz passeios de dezenas de quilômetros, a pé. Famoso o passeio de outubro-novembro de 1934: de Azambuja a São Pedro de Alcântara, uns 110 quilômetros, a pé! Ingredientes: uma carroça, um cavalo, panelas, pratos, lençóis, 40 seminaristas e o Pe. Reitor, convalescendo de uma fratura no pé. Em 1931 levou o 5º ano ao Rio de Janeiro, para que assistissem à inauguração do Cristo Redentor no Corcovado.

Queria que eles fossem os melhores na disciplina, na piedade e na cultura. Por isso apertava no "regulamento": introduziu leituras durante as refeições, proibia olhar para trás e para os lados, servia-se de qualquer penalidade que fosse útil "para despertar os brios", como "tirar pontos" de comportamento, deixar dias em silêncio, fazer o aluno desculpar-se em público, regüadas, permanecer horas de joelhos, ameaçar com expulsão e outros recursos de um arsenal bem nutrido. E ainda: era terminantemente proibido ficar triste, desconfiado e amuado. Em momento algum se devia ficar ocioso.

Pe. Jaime estimula os jogos ao ar livre, recreios, movimento, passeios, natação. Ganha brilho a vida musical: dois corais, um misto e o outro de vozes iguais, sob a batuta

do Pe. Clemente BRUENING. Seu grande desejo era criar um ambiente de família, duma grande família. Estava sempre entre os seminaristas. Tudo dependia dele. Havia até o perigo de se criar uma certa artificialidade.

Escreve ao douto pároco de Tijucas, Pe. Dr. Jacob SLATER, pedindo receitas para que os meninos guardassem bem a castidade. O três vezes doutor Pe. Slater recomenda orações, pouco consumo de carne, menos ainda chocolate e, em absoluto, a pimenta! O quadro parece supor um ambiente de medo, de constrangimento. Na verdade, Pe. Jaime sabia equilibrar o rigor com a bondade: sabia ser pai. No atendimento pessoal, no seu quarto, era a bondade em pessoa, sabia dialogar, sabia ouvir. Tinha paciência para perder tempo com o aluno que o procurava.

Três devoções impulsionavam a espiritualidade seminarística: devoção à Eucaristia, devoção a Maria, devoção ao Papa. Pe. Jaime tem, é claro, outros sacerdotes a auxiliá-lo, que vêm chegando com o tempo. Dividem-se os trabalhos, o que para ele foi um sofrimento, pois lhe parecia não ser mais o único pai da casa.

Em 1932 forma-se a primeira turma, e a Filosofia é iniciada ali mesmo. Depois seguiram para São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Entre 1934 e 1935 o Seminário "Nossa Senhora de Lourdes" recebeu a visita canônica, sendo Visitador Mons. Alberto Teixeira PEQUENO. Ficou de tal modo impressionado com a organização do Seminário, com o nível dos estudos, o ambiente de piedade e disciplina que, mais tarde, levou essas boas novas ao Papa Pio XI. No final do ano, o Reitor era eleito Bispo de Mossoró.

Notável pedagogo e professor, Mons. Jaime deu à instituição características que marcariam toda a sua história e a de outros Seminários que surgiram no Estado e no Brasil. Visava uma formação baseada na disponibilidade total, fidelidade sem reservas e integridade de caráter, tudo isso alimentado por uma piedade vivida a cada momento e estimulada pelo tempo litúrgico. Seu lema poderia ser resumido num verbo: VENCER! Dar mais de si mesmo, do que ele deu, é impossível. À noite, para não adormecer, trabalhava com os pés mergulhados numa bacia com água fria. Seu repouso normal ia das 24.00 às 4.00 da manhã. Nem mais nem menos. As vezes, nem isso... Desconhecia o verbo descansar. Acamado, chamava os alunos e, deitado, ministrava-lhes as lições, com febre, com dores. Não se podia perder tempo.

Quatro de seus primeiros alunos em Azambuja foram elevados ao Episcopado: Dom Afonso NIEHUES, Dom Wilson Laus SCHMIDT, Dom Gregório WARMELING, Dom Pedro FILIPAK. Em todos, permaneceram vivas e frutuosas as marcas deixadas pelo primeiro Reitor do Seminário.

Não se pode esquecer que, paralelamente, Pe. Jaime era o Cura do Santuário de Nossa Senhora de Azambuja, vizinho ao Seminário, grande centro de devoção e peregrinação. Fundou um núcleo do Apostolado da Oração, empenhou-se na Catequese e construiu a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, ainda hoje foco de grande piedade mariana. Zeloso catequista, às vezes espantava pelo rigor. Não se furtava a alguns tapas nos meninos mais afoitos. Visitava os doentes, relacionava-se bem com a cidade, enfim, um pastor de bem com o rebanho.

Tendo deixado Azambuja, não a esqueceu. Transcrevemos, sem citar destinatários, algumas frases

extraídas de sua correspondência posterior: *"Interessa-me tudo daí. Mas tenho o cuidado de não me entregar a recordações. Bem se compreende que preciso estar com o coração aqui (em Mossoró, RN), onde o povo precisa de dedicação e me é tão dedicado". "Continuo a procurar distrair-me com o trabalho presente e o futuro, para não chorar com lembranças e saudades do passado". "Tanto em São Leopoldo como aqui pelo norte, os seminaristas de Azambuja são admirados pelo espírito eclesialístico, firmeza de caráter, alegria sem exagero, ausência de malícia". "Minha intenção acerca dos que trouxe comigo (para Mossoró levava consigo seminaristas de Azambuja) é conservá-los, quanto possível, na formação dos nossos seminaristas, a fim de criar uma nova geração, em novos moldes."*

O futuro Bispo, Arcebispo e Cardeal manterá sempre, na formação dos seminaristas, o modelo que adotara em Azambuja, Brusque, SC.

## BISPO DA IGREJA CATÓLICA

Fazia férias com alguns seminaristas, em Porto Franco (Botuverá, SC), quando foi anunciada publicamente sua eleição para Bispo diocesano de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Tinha sido eleito no Consistório de 19 de dezembro de 1935, pelo Papa Pio XI, com a bula "Hodie Nos".

Em 5 de janeiro, Pe. Luiz MOTA, vigário da Catedral de Mossoró, telegrafa a Dom Joaquim para saber onde podia encontrar Dom Jaime. Não era para menos: cada parte interessada teve de procurar em algum mapa a localização da outra e Mons. Jaime não era pastor de ter endereço fixo... Após a eleição, foi crismar em Nova Veneza e vizinhanças. Escolheu o sul para estar mais perto de São Leopoldo. Assim, poderia assistir à abertura do ano letivo e acompanhar a 2ª turma de teólogos de Azambuja. Fez ainda uma visita pastoral a Porto Franco e ficou uns dias em Azambuja. Um homem sem cansaço! Ainda foi ao Rio de Janeiro e, na volta, fez Retiro Espiritual em Rodeio.

Para a sagração escolheu a data de 2 de fevereiro, pois tinha muito que fazer, e muito ainda fez. A data era antes do ano letivo do Seminário. Assim os seminaristas poderiam assisti-la, hospedando-se no Ginásio Catarinense. O homem era incapaz de dar um passo sem pensar nos "seus" seminaristas.

### O homem era incapaz de dar um passo sem pensar nos "seus" seminaristas

Às 8.00 horas de 2 de fevereiro de 1936, na Catedral Metropolitana de Florianópolis, pela primeira vez na história catarinense, uma sagração episcopal. Sagrante foi o Metropolita, Dom Joaquim Domingues de OLIVEIRA, e consagrantes Dom Pio de FREITAS CM, Bispo de Joinville e Dom Daniel HOSTIN OFM, Bispo de Lages. A Missa foi cantada pelo Coral "São Paulo Apóstolo", de Blumenau, regido por Frei Gaudêncio Maria ENGELHARDT, tendo como organista o Maestro Henrique HARRE, que compôs para a ocasião o *Ecce Sacerdos*. Acompanhamento orquestral da Orquestra de Cordas de Florianópolis, e o *Te Deum* de BOTTAZZO. As partes do canto-chão foram

entoadas pelos seminaristas de Azambuja. Os jornais da época se esparramam em admiração pelas cerimônias. Nunca se tinha visto esplendor igual nas outrora terras de Francisco DIAS VELHO.

No dia seguinte, recepção solene em São José. O povo ofereceu-lhe toda a emoção e uma cruz peitoral de ouro. No outro dia, recepção em Palhoça, deixando o Senhor Bom Jesus dos *Aflitos* quase sem aflição. Após a sagração, Dom Jaime entregou ao público a sua *Carta Pastoral* saudando seus diocesanos de Mossoró, obra de beleza e de espiritualidade, que sintetizava toda a sua missão de pastor até o dia da morte, em 1971.

Algumas linhas da Carta: "*Amparado, pois, nos socorros da graça, cõscio de que a missão que vamos cumprir não é nossa, mas só d'Aquele que nos enviou, é que ousamos tomar por divisa as palavras do Senhor Jesus: Ignem veni mittere (Lc 12,49) - vim trazer o fogo sagrado. Ou melhor: pregoeiro da vontade salvífica do Coração de Jesus, daquela caridade tão universal que abraça todas as almas, mais não fazemos do que transmitir a todos vós, reverendíssimos Irmãos e diletos filhos, quantas chamadas de amor sobrenatural o Coração Eucarístico de Jesus quiser repartir convosco por meio do sublime e santo ministério de vosso insignificante Pastor e Pai. É, pois, Ele, embora por nosso intermédio, que vos diz: Eu vim trazer fogo à terra, e que posso eu querer senão que se acenda? Sim, é preciso que as chamadas de amor divino encerradas no Coração Eucarístico de Jesus, chamadas que alumiam e abrasam, sejam o farol que aclare as inteligências desorientadas pela saraivada de doutrinas errôneas e de tantas opiniões mal fundamentadas; é preciso que todos reconheçam em Jesus Cristo o único facho de luz verdadeira...*" A motivação fundamental do lema não é, portanto, o "fogo" de ímpeto apocalíptico, como geralmente se interpreta, até por causa do famoso temperamento do futuro Cardeal, mas o amor misericordioso de Jesus, explicitado para Santa Margarida Maria como fogo de amor, coração abrasado de amor. O Sagrado Coração foi a grande devoção de Dom Jaime.

Seu brasão é dividido em duas partes: à direita o Coração, encimando a Estrela da Manhã, Maria, Medianeira, lembrando a influência de Maria em sua vocação: a Congregação Mariana do Ginásio Catarinense, o Seminário da Imaculada Conceição de São Leopoldo, o Seminário de Nossa Senhora de Lourdes, na mariano vale de Azambuja... Num arroubo de amor mariano, Dom Jaime incluiu um poema à Mãe de Deus:

*Salvé, Estrela matinal!*

*Neste mar,  
sede sempre meu fanal,  
Mãe sem par.*

*Meu batel em lutas anda,  
mas confia  
lhe mandeis aragem branda,  
ó Maria!*

*Que o conduza à plaga bela,  
afinal,  
onde encontre a vós, Estrela  
matinal!*

À esquerda, o Cálice da Eucaristia e a Estola sacerdotal abraçando o livro de Ensino Religioso, significando também a palavra escrita, o apostolado da imprensa católica... Resumiu no brasão a razão do seu ministério: o Coração de Jesus, Maria, o Sacerdócio e a Eucaristia, a Catequese.

Para os sacerdotes, seu amor oculto, cita um texto de H. DUBOIS, do livro "*O Padre santificado*", cap. VII: "*Um dos mais belos espetáculos que a terra pode oferecer é indubitavelmente o de uma Diocese governada por um Bispo santo, contendo numeroso e edificante clero, que lhe obedece como ao próprio Deus e se compraz em lhe dar em toda ocasião provas de profundo respeito e de cordial afeição*". Não podia também esquecer seus seminaristas do amado Vale de Azambuja: "*Mas de vós, prezados colaboradores na consoladora tarefa de educar seminaristas, e de vós então, caríssimos filhinhos do amado Vale de Azambuja, ninho de paz e das mais puras afeições, não, de vós não nos podemos despedir, que o não tolera o coração. Partamos assim mesmo, já que é forçoso deixar-vos*".

No dia 3 de abril, via terrestre, viaja para São Paulo e Rio de Janeiro. Depois, por via marítima, rumo ao nordeste, iniciando o pastoreio entre a gente potiguar. Não sabia que dois séculos antes seus antepassados tinham vindo dos Açores para o Rio Grande do Norte. A Providência o fizera retornar à terra de seus antepassados, não como garimpeiro de riquezas, mas de almas.

## NO SERTÃO NORDESTINO: EM MOSSORÓ

A Diocese de Mossoró, no Rio Grande do Norte, fora criada a 28 de julho de 1934, desmembrada de Natal. Dom Jaime, seu primeiro Bispo, toma posse em 26 de abril de 1936. Um mundo diferente, mundo do sertanejo religioso, mundo da seca, outro mundo do Brasil.

Dom Jaime pôe-se logo a trabalhar, incansavelmente. Acentua seu estilo centralizador de fac-totum: é reitor do Seminário, professor, diretor espiritual, mestre de canto, confessor das Irmãs, diretor de Colégio, planejador, construtor, catequista, Bispo, pároco etc. Parece não confiar muito no clero nordestino, alguns de seus membros sendo respeitáveis pais de família. Após o primeiro aviso aos recalcitrantes, a suspensão, é claro. Empenha-se na formação sacerdotal. Gira pelas caatingas, atravessa as serras, com determinação heróica procurando ser pastor de todas as ovelhas.

## Dom Jaime pôe-se logo a trabalhar, incansavelmente

Suas primeiras impressões são narradas a Dom Joaquim, em carta de 4 de maio: "*O povo aqui é muito bom, dócil em extremo, dedicado e afetuoso. Ainda bem, porque o clima, a água e a alimentação diferem tanto de nossos hábitos, que só o tempo conseguirá melhorar a situação. A graça de Deus, porém, é bastante poderosa para tornar suportável, desde já, o nosso método de vida. Felizes os sacerdotes se mostram muito atenciosos e confiantes, chegando até a visitar-me diariamente os que moram aqui*"

ou por aqui passam. Como estou organizando uns trabalhos mais urgentes, não posso alongar-me.... Os seminaristas seguiram para o Seminário de Fortaleza, que pretendo visitar ainda este mês. Espero ordenar meu primeiro presbítero no mês de julho, pois a necessidade é grande."

Dois meses depois está na Serra do Martins, donde escreve ao Arcebispo de Florianópolis, em 25 de julho: "... ando em peregrinação pelos confins da Diocese, ora perto da Paraíba, ora do Ceará. Gente boa em toda parte, mas sem instrução religiosa; por isso facilmente adotam o protestantismo ou o fanatismo de Juazeiro (onde atuava o Pe. Cícero. Depois Dom Joaquim escreveu que tinha escutado alguma notícia desse sacerdote). Felizmente, pelo contacto direto que vou tendo com o povo do interior, já são vários os que aceitam os conselhos e voltam à Igreja.

Ontem estive numa reunião de protestantes ou "crentes", como se denominam aqui. Fui muito bem recebido. Cantaram um Salmo; o pregador me apresentou aos "irmãos" em discurso verboso mas oco, e o bispo... fez uma exposição simples mas evangélica sobre as notas distintivas da verdadeira Igreja de Cristo. Apesar de ser protestante quase toda a assistência, ouviram com sinais de aprovação que a Igreja Católica é a verdadeira e falso o protestantismo. Agradeceram a visita, receberam catecismos, vários apareceram às práticas das missões e um já se declarou "desertor dos crentes"; aqui, outros dois".

No mês seguinte, a 28 de agosto, reclama para Dom Joaquim que os "crentes" o andaram enrolando pois, mal saíra da localidade, "espalharam que o Bispo lhes tinha dado razão. Isto depois de lhes mostrar a verdade do Catolicismo e a falsidade do protestantismo à luz do Evangelho!"

Nas sedes das freguesias Dom Jaime costumava demorar-se de 7 a 8 dias, pregando missões, um tanto semelhanças às dos padres redentoristas, com a procissão da Cruz, as conferências para classes de pessoas (casados, moços etc), fazendo pessoalmente 4 práticas diárias. Em todas as matrizes e capelas nomeava o Conselho de Fábrica, ali tanto mais importante porque havia patrimônios a administrar, aforamentos a cobrar etc. Reclamava muito das feiras - forte e intocável tradição nordestina - realizadas aos domingos. Lavradores e comerciantes ficavam impedidos de participar da Missa. O Pastor reage: "Por enquanto, em toda parte os comerciantes e as autoridades locais se comprometeram a mudar o dia da feira"... e acrescenta, escrevendo de Luiz Gomes em 20 de agosto: "O assunto das feiras tem sido uma providência para entrar em maior contacto com os homens, que se mostram então mais afeiçoados e agradecidos com a combinação de santificarmos o domingo. Embora em cada município o prefeito e os comerciantes hajam concordado teórica e praticamente no assunto, tenciono garantir o bom efeito por meio de lei estadual que vou pleitear".

Não contou tempo, e pressionou a Assembléia Legislativa que, para estar de bem com o Bispo (não se brinca com homem de saias: padre, juiz e médico), em 24 de outubro do mesmo ano de 1936 aprovou a Lei nº 17, tornando obrigatório o descanso dominical no Estado. O artigo 3º, o que mais interessava, sai com a ambígua redação:

"Ficam autorizados os Prefeitos Municipais a mudar as feiras dos domingos, quando possível, para qualquer outro dia da semana, de acordo com os interesses públicos". Em outras palavras, o Bispo foi satisfeito e as feiras também...

Ainda de Luiz Gomes, escreve ao Arcebispo amigo: "Continuo na região serrana, onde tenho encontrado a melhor gente da Diocese, valha a verdade. Terei, porém, que descer ao sertão, em que o calor atmosférico é muito superior ao religioso, principalmente pela falta de padres, ou melhor, pelo mau exemplo de alguns deles até agora. Admiro-me, realmente, de encontrar ainda tão bom povo, após tanto abandono. Estou procurando no Ceará alguns auxiliares, já que fui obrigado a dispensar dois infelizes aqui".

Em 30 de novembro: "Cheguei para preparar a festa de Santa Luzia (coro de homens que estou ensaiando pessoalmente) e encontrei cinco festas para presidir, sendo parainfo em duas, devendo pregar em três outras.... Na festa de Santa Luzia aparecerá como novidade o carro triunfal, que espero saia parecido com o de Santa Catarina (em carta posterior a Dom Joaquim, olhando a foto do tal carro, sai com este mimo: "O carro triunfal, de Santa Luzia, assemelhou-se, de fato, ao nosso, mas superando-o").... O Hino oficial a Santa Luzia, letra e música do seminarista Mário GHISLANDI, que já se matriculou na Gregoriana, é também semelhante ao de Santa Catarina. - Com pesar termino aqui, sem poder indicar o adiantamento das obras do Seminário, a provável fundação do Ginásio Diocesano feminino, a deficiência de sacerdotes que me fez ontem celebrar três missas, sendo a última após viagem de 14 léguas (84 quilômetros)".

"Consegui dois Capuchinhos italianos para missionar nos bairros da cidade, e dois Lazaristas holandeses para a Catedral, escreve a 24 de março de 1937. Assim tenho também sacerdotes para a Semana Santa. E os fiéis estão muito animados. A parte coral está sendo executada, com agrado, pelos seminaristas daqui. São 20 pessoas sob a direção dos "catarinenses" Arlindo THIESEN, Saul SOMBRIO e Ivo CALLARI, pérolas que V. Excia e Dom Daniel ofereceram à Diocese de Mossoró. São eles meus únicos auxiliares neste novel Seminário, começado e mantido com muito sacrifício. Um gesto, porém, nobre e cativante do Comércio de Mossoró bem mostra quanto é apreciada esta instituição: sabendo casualmente alguém na cidade que o Seminário estava sem dinheiro, logo convocou os demais comerciantes e reuniram mais de 10 contos de réis. Presentes em gêneros são freqüentes. Apesar da falta de inverno. Estou formando os seminaristas daqui pelo sistema de Azambuja. E os elementos, meninos escolhidos pessoalmente durante a visita pastoral, bem se prestam para a mesma formação."

Dom Jaime era um promotor vocacional nato. Indo pelos interiores, após algumas observações, a pergunta direta: "Quem quer ser padre?" E muitos ficaram! Levou para Mossoró, além dos citados, Mário GHISLANDI, que foi para Roma e depois passou para a Companhia de Jesus (como indenização "pelas despesas que tivera", solicitou a vinda do irmão Armando GHISLANDI, que lá lecionou por dois anos), Huberto BRUENING, estudando em Fortaleza, depois ordenado em 1938, com dispensas da Santa Sé, devendo terminar os estudos teológicos em particular, com o

mesmo Dom Jaime. Ainda hoje, velhinho, Pe. Huberto está em Mossoró com suas brincadeiras e disposição para o trabalho. Em abril de 1941, Dom Jaime pediu que o Pe. Valmor de CASTRO assumisse uma paróquia, no que não foi atendido por Dom Joaquim. Mais tarde, Pe. Valmor transferiu-se para o Rio de Janeiro.

Diocese iniciante, humilde, não havia muita gente para auxiliá-lo. Até que gostava, pois assim trabalhava do seu jeito, intensamente: "*Não tenho secretário senão para assinar documentos. Está achacoso a ponto de eu dever ficar-lhe ao lado, quando celebra, para certificar-me do valor do Sacrifício... Nosso pequeno Seminário tem o espírito do de Azambuja, o que não é de se admirar, tendo o mesmo Reitor e, por lentes, ex-alunos de lá. Nos momentos em que não estou nas catequeses, nem no confessionário, vivo a estudar a Sagrada Escritura e a escrever pregações, pois além das noites marianas tenho de falar aos domingos em duas igrejas, e aos marianos e aos operários e às filhas de Maria etc.*" (Carta a Dom Joaquim, em 17 de janeiro de 1937).

No ano seguinte, a 17 de janeiro, a mesma feclamação: "*Sem Vigário Geral, sem Secretário, dirigindo pessoalmente as associações, atendendo aos doentes de dia e de noite, construindo o Seminário sob minha direção imediata desde a planta até a distribuição dos trabalhos e pagamentos etc, ainda achar tempo para confessar muita gente, ensinar catecismo diariamente, e lecionar no Seminário*".... (em março de 1938 inaugurou o dormitório).

"*Continuo construtor forçado, o que me tem dado fim aos nervos. Dai as insônias, as dores de cabeça freqüentes e fortes e uma certa queda da habitual atividade. Mesmo assim o programa de novembro é o seguinte: dia 1º - comunhão na Catedral, binação em São José, confissão das crianças ai; à tarde, começo do retiro das alunas do Colégio das Irmãs (até o dia 4). Dia 6 - primeira comunhão em São José. Dias 10 a 15, Congresso Eucarístico em Areia Branca. Dias 18 e 19, exames no Seminário. Dias 20 a 24, retiro às alunas, em Assu. Dias 25 a 30, exames no Seminário. Dia 27, primeira comunhão em São Vicente. Esta é a parte pessoal e já estabelecida. Mas o que vem de permeio, e a construção do Seminário, e a direção das associações, enchem de sobejo o resto do tempo. Há muita falta de sacerdotes. O futuro será melhor, se Deus quiser, ao menos quanto ao número de auxiliares, pois a Santa Sé já ofereceu Religiosos e eu aceitei 7, se bem que desconhecidos"* (carta a Dom Joaquim, em 28 de outubro de 1938).

## **o contacto com os proletários das maiores salinas do mundo, perto de Mosoró**

Dois anos depois, em 4 de dezembro de 1940, outras notícias de seus trabalhos: "*... neste ano foram muitos meus labores, para dar minhas 16 aulas no Seminário sem descurar a orientação da diocese e a cura d'almas na cidade.... Consegui fundar um Orfanato para Meninas em Martins, nossa melhor cidade serrana. Em Porta Alegre, também na serra, já se eleva a primeira ala do Seminário de férias e mais outras dependências. Foi aumentado o Colégio das Irmãs, aqui, tornando-se Ginásio Diocesano*

*(parte feminina). Em Mossoró está em construção a grande sede do Círculo Operário, uma capela em bairro abandonado, e a do Seminário*".

A preocupação com os pobres e operários foi uma constante em seu pastoreio, por onde andou. Em Mossoró construiu o Abrigo para a Velhice Desamparada, dando-lhe o nome de seu segundo irmão, Amantino CÂMARA. Grande serviço prestado por Dom Jaime foi o contacto com os proletários, com os operários das maiores salinas do mundo, perto de Mossoró (Macau e Grossos), entusiasmados pela doutrinação marxista, que lhes prometia um mundo melhor. Ao tempo, essas atividades haviam culminado na Intentona Comunista (27 de novembro de 1935), com a eclosão de uma revolta e ataque aos quartéis com grande número de vítimas. Temerosos da repressão posterior, os salineiros não sabiam como justificar-se perante as autoridades civis. Dom Jaime foi ao encontro daqueles homens de trabalho e pôde observar que não era desejo deles aderir ao comunismo. Era desespero mesmo. As reivindicações que eles pretendiam deviam ter solução pelos meios legais e ordeiros. O Bispo passou a visitá-los e acabou fundando o *Círculo Operário Católico*. E assim terminou com felicidade a expectativa da desordem e da marginalização de milhares de trabalhadores.

No meio de tantos trabalhos e iniciativas, foi surpreendido em 15 de setembro de 1941 com a transferência para a Arquidiocese de Belém do Pará, deixando inacabada uma grande obra.

## **NO MUNDO AMAZÔNICO - EM BELÉM DO PARÁ**

A Diocese de Belém do Pará fora criada a 4 de março de 1719 e elevada a Arquidiocese a 1º de maio de 1906. Imenso campo de trabalho, dividindo com Manaus a região amazônica, cortada por rios e igarapés. Para ela, que já tinha sido do grande Dom Antônio MACEDO COSTA, Dom Jaime foi transferido como seu 5º Arcebispo, depois de apenas pouco mais de 5 anos como 1º Bispo de Mossoró. Tomou posse em 1º de janeiro de 1942, levando consigo os seminaristas catarinenses Arlindo THIESEN e Ivo CALLIARI.

Não perdeu tempo, pois seu ímpeto natural era logo iniciar os trabalhos. No mesmo dia da posse, após as cerimônias e o jantar festivo, já depois da meia noite, percorreu todo o velho casarão arquiépiscopal e projetou imediatamente adaptá-lo para sede do Seminário. Era necessário formar novos sacerdotes para um campo de pastoreio de mais de 300.000 habitantes espalhados por centenas de milhares de quilômetros quadrados e atendidos por apenas 40 sacerdotes.

Dom Jaime fazia o papel de Vigário substituto, em alguns domingos saindo para 8, 9 compromissos. Durante a semana, dois expedientes diários bem cheios. Era-lhe impossível deixar uma comunidade sem atendimento pastoral. Para alegria sua, em 29 de junho de 1943, ano e meio após assumir, ordenava 7 presbíteros: 4 da Arquidiocese, um de Manaus, um salesiano e o catarinense Ivo CALLIARI.

O Arcebispo prezava muito a criação de instituições para facilitar a ação apostólica nos campos que lhe pareciam

primordiais: a formação sacerdotal, a catequese escolar, o mundo operário. Favorecido com a partilha da herança deixada por seu irmão Amantino, sócio da empresa Comércio & Navegação, aplicou-a imediatamente na aquisição da sede do Círculo Operário de Belém, do Ginásio Progresso Paraense e do Seminário Ferial de Icoaraci. Quando, pouco depois, foi transferido para o Rio de Janeiro, já não tinha dinheiro para as passagens! Tinha-se desfeito de tudo.

### **a organização da maior procissão fluvial jamais havida no mundo, com duração de 10 dias**

Impressionante para analisar o espírito de Dom Jaime foi a organização da maior procissão fluvial jamais havida no mundo, com duração de 10 dias... Em 1942, o Arcebispo Dom João da Mata ANDRADE E AMARAL idealizou um Congresso Eucarístico para comemorar o cinquentenário da Diocese de Manaus. Faltavam-lhe os seminaristas para assegurar a parte coral e litúrgica. Recorreu ao Metropolita de Belém, Dom Jaime. Este concordou plenamente com a idéia, contanto que os seminaristas não perdessem suas aulas. Da capital paraense partiu em 21 de maio de 1942, rumo a Manaus, um grande navio fluvial, que o povo apelidava de "Vaticano" e que conduzia o Santíssimo Sacramento continuamente exposto à adoração dos passageiros, que eram prelados e missionários, religiosos e seminaristas, militantes da Ação Católica e congregados marianos. Entre eles, os dois Arcebispos, de Belém do Pará e de São Luís do Maranhão, Dom Jaime CÂMARA e Dom Carlos Carmelo de VASCONCELOS MOTA, que mais tarde foram transferidos para as duas mais importantes metrópoles do país, Rio de Janeiro e São Paulo. Ambos receberiam, no mesmo dia, 18 de fevereiro de 1946, o título cardinalício.

Foram quase 10 dias de viagem a subir a corrente amazônica, dias de intenso fervor eucarístico, em que nunca faltavam adoradores na capela improvisada. Nas dependências do navio se sucediam as conferências, os estudos, os ensaios corais e as aulas. Sim, as aulas, porque, conduzindo seus 80 seminaristas a bordo, Dom Jaime estabelecera para eles o mesmo horário escolar, a fim de que não se interrompesse o ano letivo. Várias vezes o "gaiola" estava para atracar nos trapiches de Santarém ou de Parintins, entre o estrugir dos foguetes e o ressoar das bandas de música, e Dom Jaime ainda continuava, imperturbável, nas teses da Teologia Dogmática!

Em julho de 1943 encontrava-se em visita pastoral pelo interior do Pará, na região de Bragança. A 7 de julho retornou a Belém, via aérea, para sagrar o Prelado de Marajó, Dom Gregório Alonso DA PURIFICAÇÃO, no dia 11. Nesse dia foi surpreendido com a comunicação de que a Santa Sé, a 3 de julho, o tinha eleito sucessor do Cardeal Dom Sebastião LEME, no Rio de Janeiro. Era o candidato mais comentado nas rodas do sul.

Fazia parte dos planos de Dom Jaime concretizar o estabelecimento da Prelazia de Macapá e, talvez, a de Tocantins. Mas a Guerra Mundial prejudicou as comunicações internacionais, e o plano não pôde ser acelerado. Mais tarde, Dom Jaime recordava com saudade os tempos amazônicos: "*Lembro-me com ternura da santa*

*alegria demonstrada pelos hansenianos de Marituba e do Prata. As lágrimas me vêm aos olhos quando recordo a simplicidade e o afeto com que me acolhiam os humildes caboclos nas visitas pastorais. Não eram somente os pobres que me manifestavam seu regozijo. Também em Belém, na capital, nos meios cultos, sempre me foi concedida a mesma generosa atenção*".

A transferência para o Rio de Janeiro o deixou aflito, e até frustrado, conforme escreveu a Dom Joaquim, em 19 de julho de 1943: "*Não me foi possível continuar nas*

*consoladoras visitas pastorais que, embora trabalhosas e cheias de sacrifícios, trazem a alegria de um período de missões paroquiais. E é admissível que um missionário dos sertões nordestinos ou dos igarapés da Amazônia...? Não concluo, V. Excia. já compreendeu tudo. Fiat! (Referia-se à transferência para o Rio) Já deixei em meio tantos trabalhos em Mossoró. Aqui apenas comecei. Parece que minha sorte é correr mundo*".

E logo, os planos para antes da posse: "*Tenciono quanto antes partir, fazendo uma demora no Ceará para retemperar as forças espirituais num retiro com os jesuítas de Baturité (noviciado). Depois, se Deus quiser, uma visita rápida a Mossoró, Natal, Paraíba e Recife, mesmo para ouvir uns conselhos dos bons amigos Dom Moisés e Dom Miguel. Se puder, irei ter com o Sr. Arcebispo de Belo Horizonte, havendo avião da Bahia, cujo Arcebispo primaz visitarei, de passagem*".

De Azambuja a Mossoró no sertão nordestino, de Mossoró a Belém do Pará na imensidão amazônica, de Belém ao Rio de Janeiro, a Capital da República: seu ministério alcançou o norte e o sul, o nordeste e o leste, abraçou o Brasil.

## **ARCEBISPO E CARDEAL DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO**

Transferido para São Sebastião do Rio de Janeiro a 3 de julho de 1943, tomou posse a 15 de setembro. Aos 49 anos de idade, realizando os prognósticos aventados desde o início do ano, estava no coração do Brasil, na capital política e cultural do país.

Três missões particularmente difíceis: a primeira, substituir o grande Cardeal Dom Sebastião LEME, intelectual e articulador de renome, fundador do Centro Dom Vital, que congregava a elite intelectual do Rio, que na época incluía os grandes convertidos na esteira de BERGSON e MARITAIN, como Jackson de FIGUEIREDO, Alceu AMOROSO LIMA, Gustavo CORÇÃO, elite intelectual que produzia a excelente revista *A Ordem*. O segundo desafio, viver na capital da República num dos períodos mais difíceis da história pátria: segunda Grande Guerra, aceleração da industrialização, convulsão política e social, fim da Ditadura Vargas, redemocratização, instabilidade republicana, mudança da Capital para Brasília, período de explosão no crescimento da Cidade Maravilhosa e, o que foi mais delicado - o terceiro desafio - a renovação conciliar. A tudo isso Dom Jaime pôde oferecer, além de sua

inteligência esmerada e capacidade de trabalho, o humilde coração de um pastor.

Nos primeiros anos de sua atividade pastoral no Rio, Dom Jaime subiu inúmeras vezes os morros nos diferentes bairros da cidade, dos subúrbios e da zona rural, para ver, com os próprios olhos, o estado de indigência e de penúria em que viviam milhares de criaturas humanas e levar-lhes, com o conforto espiritual e a palavra da fé e da coragem, os recursos materiais de que podia dispor em cada visita. Falava aos moradores, era pobre entre os pobres, ensinava as crianças a rezar e, por sua iniciativa, começaram a aparecer nos morros as primeiras capelas, onde eram celebradas missas dominicais.

### **Dom Jaime subiu inúmeras vezes os morros nos diferentes bairros da cidade**

Toda a sua aparente sisudez se quebrava quando se encontrava com as crianças, gostava de brincar com elas, puxar os cabelos das meninas, dar, com a biqueira do sapato, leves toques nas pernas dos garotos, deixar que eles se agarrassem à sua faixa cardinalícia e contar-lhes histórias. No Seminário Arquidiocesano do Rio Comprido, durante o recreio, corria por vezes atrás dos pequenos seminaristas, tirando mesmo o cinto para fingir que iria bater neles. Suas aulas de catequese às crianças eram assistidas pelas catequistas, tal a maneira cativante como explicava os mistérios da fé.

Realizou mais de 1000 visitas pastorais, algumas durante 8 dias. Sem deixar sua imponência, com a púrpura de suas vestes, ou o chapéu cardinalício, lá ia o Cardeal Dom Jaime pelos morros, pelas planícies, enfrentando o sol, a chuva, a lama, sempre com imensa satisfação. Seu grande prazer era o contacto com os mais humildes.

Numa visita pastoral, em setembro de 1952, preparou e batizou pessoalmente 11 adultos, ouviu 570 confissões, pregou 20 vezes, deu catecismo, crismou, visitou escolas etc. Incansável. Lembremos que Dom Jaime dormia no máximo 4 horas por noite. Era cioso no aproveitamento do tempo para sua missão pastoral.

Quando foi criado Cardeal, no Consistório de 24 de dezembro de 1945, foi a Roma, onde recebeu o chapéu cardinalício em 18 de fevereiro. Lá pediu uma audiência com o papa Pio XII. A uma pergunta do Papa, respondeu que estava preocupado, pois lhe falaram que agora não poderia mais continuar as visitas às favelas. Pio XII respondeu que não se preocupasse, que deveria continuar, pois essa era a missão do pastor. Dom Jaime narrou esse fato poucas horas antes de morrer, em Aparecida do Norte.

Percebendo o crescimento da cidade e vendo que as paróquias não estavam mais onde se espalhava a população, erigiu em seu pastoreio nada menos que 114 novas circunscrições paroquiais. Para criar um governo colegial, em 12 de setembro de 1965 dividiu a Arquidiocese em 6 regiões pastorais, os Vicariatos, confiados a Vigários Episcopais. Com eles reunia-se semanalmente, revisando o trabalho e planejando a ação pastoral. Os Vicariatos adaptavam-se melhor às formas específicas e grupos especiais de pastoral.

Sua obra era vasta e variada. Desenvolveu, seguindo o trabalho de Dom LEME, a Ação Católica, redigindo-lhe

novos estatutos. Instituiu a Comissão Arquidiocesana de Música Sacra e a Sociedade Brasileira de Arte Sacra, sob a direção de Mons. Guilherme SCHUBERT. Transferiu a residência do Palácio São Joaquim, sede de múltiplas atividades, para o Sumaré, no morro de Santa Teresa. Escreveu 44 Cartas Pastorais, geralmente obras de fôlego, versando sobre os acontecimentos do momento. Ainda encontrou tempo para escrever vários livros: "*O Sacerdote em viagem*", "*Os Mártires de Uganda*", "*Apontamentos de História Eclesiástica*". "*Compêndio de Teologia Pastoral*", traduzido em vários idiomas.

Seguindo suas pegadas em Mossoró e Belém, preocupou-se com a formação e a vida sacerdotal. Três anos após sua investidura no Rio, Dom Jaime inaugurou solenemente o novo edifício do Seminário Maior, concretizando o trabalho aberto por seu antecessor, e restituiu o Seminário São José, do Rio Comprido, à sua função de formar sacerdotes. Restaurou os cursos de filosofia e teologia. Antes, os seminaristas maiores eram encaminhados a São Paulo, Belo Horizonte e Mariana.

Outra sua preocupação: amparar os sacerdotes na velhice e na doença, pois não tinham acesso à previdência do país. Fundou a "Casa do Padre", para abrigar os doentes e idosos. Viu, porém, que isso não era suficiente, pois faltava-lhes uma garantia financeira. Desta sua preocupação nasceu em 1964 o *Instituto de Previdência do Clero*, o IPREC, sob a responsabilidade do Episcopado brasileiro. Seu coração foi sensível igualmente aos sacerdotes que deixaram o exercício do ministério, delegando a um sacerdote o levantamento das necessidades deles, para ver em que a Arquidiocese pudesse auxiliá-los.

O ensino superior recebeu também a sua contribuição. Antes com o nome de Faculdades Católicas, a *Universidade Católica do Rio* nasceu no dia 21 de junho de 1940, no Palácio São Joaquim, numa reunião convocada por Dom Sebastião LEME. Dom Jaime se empenhou em levar adiante a obra, obtendo-lhe, em 1947, o título de Pontifícia Universidade Católica, dela tendo sido ele mesmo o Grão-Chanceler. A PUC do Rio tornou-se realidade graças ao trabalho dos Padres Jesuítas, dentre eles destacando-se o Pe. Leonel FRANCA.

Cioso do respeito às leis eclesiais, interveio na Irmandade do Santíssimo Sacramento, perdendo a questão em 1950. Recorreu em todas as instâncias, vencendo no Supremo Tribunal Federal em 24 de junho de 1959, por voto acompanhando o do Ministro Hahnemann GUIMARÃES, positivista ortodoxo, mas que defendeu a tese de que compete exclusivamente à autoridade eclesial decidir questão sobre as normas da confissão religiosa que devem ser respeitadas por uma associação constituída para o culto. Prestando contas ao rebanho, Dom Jaime historicou a questão na Carta Pastoral "*Justiça e Paz*". Dia 20 de janeiro de 1964, bênção da pedra fundamental da nova Catedral do Rio, que deveria ter, mais bela, "*apenas a Basílica de São Pedro*".

Afora todo o trabalho arquidiocesano, Dom Jaime desempenhou um papel central e decisivo na vida da Igreja no Brasil. Estava na Capital da República e era para lá que se dirigiam as atenções dos católicos brasileiros. Em 31 de maio de 1946, em cerimônia solene, presidiu a consagração do Brasil ao Imaculado Coração de Maria. Em 1948, interveio,

vitorioso, nos tribunais, contra a Igreja autodenominada "Católica, Apostólica, Brasileira", por se apropriar indevidamente dos rituais e hábitos católico-romanos.

## **Dom Jaime desempenhou um papel central e decisivo na vida da Igreja no Brasil**

Em 17 de março de 1949 assinou, em nome do Episcopado, a Pastoral Coletiva sobre o Ano Santo. Para dar mais peso ao ato colocou os nomes dos outros Bispos, alguns sem terem sido consultados, mas foi uma Carta Pastoral pessoalmente redigida por ele. Depois escreveu aos Bispos explicando as razões do seu gesto. Outras iniciativas do gênero foram-se tornando o embrião da colegialidade episcopal, que mais tarde se institucionalizaria na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Amigo e confidente do Núncio Apostólico, sua palavra era decisiva nas nomeações episcopais e na ereção de novas Dioceses.

Com as imigrações, surgiu o problema dos católicos dos outros ritos, aqui deixados sem assistência religiosa específica. Em 1952 a Sagrada Congregação " *Pro Ecclesia Orientali* " conferiu a Dom Jaime o encargo de Ordinário para os fiéis do Rito Oriental que viviam no Brasil. Foi o único Bispo brasileiro a ter esse título, mais tarde tendo sido criadas as Exarquias e Eparquias para os orientais católicos.

Em julho de 1955 o Rio de Janeiro sediou o 36º Congresso Eucarístico Internacional. Para o grandioso evento contou com a colaboração decisiva e competente de seus dois auxiliares, Pes. Hélder CÂMARA e José TÁVORA, mais tarde Arcebispos de Recife e Aracaju, respectivamente. Dom Jaime impressionou tanto por seu entusiasmo e organização que, no ano seguinte, em Bogotá, foi eleito *Presidente do Conselho Episcopal Latino-Americano*, o CELAM. Igualmente foi Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB, e do Regional Leste-1 da mesma instituição. Nessa última função, preocupado com a formação de catequistas para adolescentes e professores de educação religiosa escolar, ajudou a fundar a Escola " *Mater Ecclesiae* ", de abrangência nacional. Em 1960 assumiu a Presidência da Comissão Episcopal que administrava o Santuário Nacional de Aparecida.

Antes de o Brasil entrar na Guerra na Itália, num desfile militar, Dom Jaime falou a Getúlio Vargas a respeito dos pracinhas que iriam para o combate e ficariam sem assistência espiritual em situações muito dolorosas. O Presidente encarregou-o de formular os termos e o fundamento da solicitação. O Gen. Eurico Gaspar DUTRA, Ministro da Guerra, em 23 de maio de 1944 criou o Serviço de Assistência Religiosa junto às forças Armadas, nele incluindo ministros católicos e protestantes. Em julho de 1944 Dom Jaime telegrafa a todos os Bispos, pedindo Capelães para as Forças expedicionárias. Depois da Guerra, o Serviço foi estendido às demais Armas, criando-se as Capelarias Militares do Exército, Marinha e Aeronáutica. A Constituição de 1946 incluiu o dispositivo.

Assim, Dom Jaime foi o primeiro Ordinário Militar do Brasil. De família militar, gostava do título, que às vezes acrescentava aos outros em suas Cartas Pastorais. Também buscou uma solução para o problema dos seminaristas que tinham de interromper seus estudos para fazerem o serviço

militar. Conseguiu que, em 25 de julho de 1946, saísse o Decreto-Lei nº 9.500 - *Lei do Serviço Militar* - que isentava os seminaristas do serviço militar obrigatório, com o adiamento da incorporação.

Em tudo isso, a grande marca do Cardeal CÂMARA foi a fidelidade: um *Bispo Fiel*. Não tergiversava quando estava em jogo a obediência à doutrina, à moral e à disciplina.

Isso foi posto à prova nas discussões conciliares, por ocasião do Concílio Ecumênico do Vaticano II (1962-65), do qual participou ativamente, tendo apresentado, em bom latim, 5 intervenções na Aula conciliar. No meio das discussões conciliares, Dom Jaime sentia, como Bispo, o espírito de colegialidade do Episcopado em união com o papa, como um elemento vital na vida da Igreja. Mesmo não concordando com o coração, foi obediente às decisões conciliares. A reforma litúrgica certamente não era do seu gosto, mas, Bispo fiel, esforçou-se por efetivá-la na sua Arquidiocese, e se esforçou por fazê-lo com entusiasmo. Machucou-o muito a possibilidade de os padres substituírem a batina pelo *Clergyman*, mais tarde transformando a manga de camisa em veste talar.

O espírito conciliar da colegialidade episcopal foi para ele um desafio. Algumas decisões do Episcopado, reunido em Conferência Nacional, não lhe pareciam justas. Ninguém conseguiu, porém, extrair dele, em público, uma única crítica às decisões do Episcopado brasileiro, à medida em que a unidade dos Bispos foi-se sobrepondo às divergências individuais, nas reuniões da CNBB. Fiel ao seu cargo, certa vez, em uma das decisões, o pensamento do Cardeal-Arcebispo não coincidia com o da maioria, mas Dom Jaime assinou-a, apondo-lhe o carimbo seco de sua autoridade, para que não surgisse qualquer dúvida de que ele assumia a responsabilidade pelo que a maioria dos Bispos acabava de decidir. Dias depois, quando ainda se levantavam dúvidas sobre a autenticidade de sua assinatura, sua reação foi quase de revolta.

## **a grande marca do Cardeal CÂMARA foi a fidelidade: Um Bispo Fiel.**

Por ocasião da Carta Encíclica *Humanae Vitae* (1968), ameaçou punir publicamente os padres que discordassem do ensinamento papal. Sua fidelidade trouxe-lhe muitos sofrimentos pessoais, muita amargura, pois nunca buscou o favor, a simpatia, em troca da sua firme adesão ao Magistério. Nas assembleias do Clero, com visível dor percebia o clima de contestação que se instalava. Ele, que sonhava com o Clero embrionariamente unido ao Pastor, chegou a ser vaiado por alguns de seus padres. O último ano de sua vida, nesse particular, foi de imenso sofrimento moral e emocional. Era o clima da época.

Dom Jaime foi um bom pastor: amou perseverantemente a Igreja e corajosamente amou a Pátria. Nos meios eclesiais barulhentos foi chamado de "omisso", porque silencioso e pacífico. Seu maior problema foi conciliar uma formação rígida, uma fé intransigentemente devota, o rigor disciplinar, com os novos tempos. Por isso sofreu muito. Dom Jaime poderia ser definido como " **SEMPRE O MESMO** ". Indicativa a resposta que deu em sua última entrevista

radiofônica, horas antes de entregar a alma a Deus: " *Minha pastoral, ou melhor, a de Jesus Cristo na sua Igreja, não se modificou, porque Cristo veio para salvar a todos. Pode haver a questão da variação de métodos e meios com o tempo, mas para mim não houve alteração alguma, pois penso que o mais essencial é saber aplicá-los* "

## PASTOR NA CIDADE DOS HOMENS

Também o cenário internacional foi o campo de sua vigilância pastoral. Em março de 1944 telegrafa em nome do Episcopado para Sua Majestade Britânica e para o Presidente Americano ROOSEVELT, pedindo-lhes fosse preservada Roma, berço do Cristianismo, da destruição, ruína e outras terríveis conseqüências da Guerra e se garantisse a incolumidade do Pontífice Pio XII. Em abril de 1945 outro telegrama, em nome do Episcopado, para o representante brasileiro na Conferência de San Francisco, defendendo os interesses da Polônia católica.

Em 1947 o Brasil fez parte do Comitê internacional para receber imigrantes do Leste europeu, refugiados do comunismo, aceitando abrigar 5000 pessoas. Dom Jaime e o Cardeal MOTA se empenharam junto ao Episcopado para que pressionassem os governos locais a recebê-los. Ele, pessoalmente, deu toda a assistência aos que desembarcavam no Rio de Janeiro. Foi um grande serviço aos imigrantes que aqui aportaram.

Quando, em 1º de abril de 1948, se reuniram em Bogotá representantes de todas as nações americanas, a fim de tratar dos direitos do homem e da família, percebeu que as conclusões não levariam em conta os princípios cristãos. Em fevereiro, estimulado pelo Nuncio Apostólico, escreveu aos Bispos pedindo que telegrafassem aos Embaixadores, para que os princípios cristãos fossem respeitados. Dom Jaime se entendia diretamente com o Ministro Raul FERNANDES e com o Embaixador João NEVES. A 9ª Conferência Panamericana foi preparatória da Conferência Internacional, no mesmo ano, que promulgou a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*.

Dom Jaime de BARROS CÂMARA foi um grande brasileiro sem deixar de ser grande sacerdote e um grande sacerdote sem deixar de ser um patriota. Conciliava com raro senso de equilíbrio essa dupla condição. Vivendo na Capital política e cultural da República, sua voz adquiriu um eco decisivo em certos momentos e suas posições geravam, ora entusiasmo, ora críticas amargas.

### vivendo na Capital política e cultural da República, sua voz adquiriu um eco decisivo em certos momentos

Foram 14, contando-se a Junta Militar, os Presidentes da República que o Brasil teve desde que Dom Jaime assumiu a Arquidiocese do Rio de Janeiro. Enfrentou terríveis tormentas político-sociais: fim da Ditadura Vargas, redemocratização, suicídio de Vargas, instabilidade posterior, renúncia de Jânio Quadros, Parlamentarismo, Golpe de 1964, a Primavera de Paris em 1968, que depois se

propagou como um rastilho de pólvora por todo o mundo, a mentalidade de esquerda que se sobrepôs no meio cultural e estudantil. Passou por difíceis provações. Não se omitiu nunca. Correu riscos. Mas suas intervenções mereceram sempre o acatamento geral, pois vinham lastreadas numa inatacável pureza de propósitos.

Se alguns padres e bispos se mostravam surpresos com seu silêncio em determinados episódios envolvendo as relações entre a Igreja e o Governo, não poucas vezes esses mesmos foram depois entrevistar-se com ele, procurando ouvir sua palavra de prudência. Poderíamos dizer que o eixo ao redor do qual girou a atuação do Cardeal foi constituído pelo trinômio: respeito à Doutrina Social da Igreja, respeito à própria Igreja, combate ao Comunismo. Ameaças nesse campo transformavam num cruzado implacável o Cardeal que docemente falava às crianças.

Em abril de 1945 Dom Jaime redigiu e assinou, em nome do Episcopado brasileiro, um Manifesto orientador da doutrina católica para o momento, marcado pela instabilidade político-social.

Em 16 de abril de 1949 publicou a Carta Pastoral " *Não Transigir* ", violento alerta contra o Comunismo, que Dom Jaime detecta estar-se infiltrando por tudo. Para ele o Comunismo se infiltra sob o manto branco da paz, escondendo o seu manto vermelho, de quatro modos: 1) os Congressos pró-Paz, dos intelectuais, escritores, políticos, artistas; 2) os Comitês femininos de bairros, que buscam, sob o disfarce da justiça, a subversão social; 3) os Congressos Internacionais: o de Escritores, na Polônia; os pró-Paz, em Paris e nos Estados Unidos; 4) o êxodo rural: na roça, os comunistas falam que na cidade tudo é melhor e assim os trens e carros a cada dia encham o Rio de favelas, de modo que essa massa de insatisfeitos se rebelará, provocando o advento do Comunismo. Até a campanha " *O Petróleo é nosso* ", a par do aspecto econômico, tem cheiro de Comunismo. Então, " *Não Transigir* " é fazer de tudo para que os pró-Moscou não tenham vez. A cruzada anti-comunista marcou toda a vida do Arcebispo, não questionando ele os ideais autênticos de justiça social, mas sentindo o perigo do materialismo dialético e as campanhas anti-cristãs, cujos frutos se enxergavam na Cortina de Ferro.

Quando, por causa dos maus governos, a miséria social se alastrava, fazendo o marxismo aparecer sedutor, Dom Jaime nunca deixou de clamar no programa " *A VOZ DO PASTOR* ", transmitido semanalmente pela Rádio Vera Cruz, e nunca foi omisso na hora de repetir o que a Igreja afirmava do Comunismo: ímpio, desumano, monstruoso, intrinsecamente perverso. Tudo o fez motivado por suas convicções e, acima de tudo, por causa de sua fidelidade irrestrita ao Papa. Numa entrevista, deixou isso bem claro: " *Se num dia, por absurdo, o Papa ordenasse que os Bispos deixassem de condenar o Comunismo, jamais eu abriria a boca para fazê-lo, embora isso pudesse me ferir a alma* "

Também usava sua influência na política, especificamente nas eleições. Basta este exemplo, extraído de sua correspondência com Dom Joaquim Domingues DE OLIVEIRA, Arcebispo de Florianópolis: " *Muito folgarei que nossa Orlandino BRASIL (carta de 27 de abril de 1954), candidato do PSD, seja apoiado por todo o nosso Clero, pois é um batalhador sincero e eficiente em prol de todas as causas que se relacionam com a Igreja* ". Carta em 6 de agosto do mesmo ano: " *Julgo que devemos fazer todo o*

*possível, diria o impossível, para que volte o Dr. Nereu Ramos às Câmaras Federais*". Responde-lhe Dom Joaquim, velho pessedista, a 11 de agosto: "*Quanto ao Sr. Dr. Nereu RAMOS, o 'primus inter pares', parece que a sua candidatura, mercê de Deus, não sofrerá nenhum perigo*". Em 1958 interferiu, com sucesso, para a demissão de Anísio TEIXEIRA no Ministério da Educação, por sua posição desfavorável aos Colégios particulares, especialmente os religiosos.

Não lhe faltaram serenidade e prudência nos momentos dramáticos por que passou a nação e, sempre que necessário, pôs sua autoridade e seus préstimos a serviço da paz e para evitar derramamento de sangue. Ofereceu-se como mediador na crise que culminou no suicídio de Getúlio VARGAS, em 24 de agosto de 1954, mas sua mediação foi recusada, infelizmente.

Em 1961, ao verificar-se a renúncia de Jânio QUADROS, não vacilou em publicamente elogiar a conduta do Gen. Odylio DENYS, do Alm. Sylvio HECK e do Brig. Grum MOSS em todo o curso da crise, apontando-os à gratidão dos brasileiros, pois, segundo disse, se quisessem, poderiam ter-se transformado em ditadores.

Em maio de 1962 chegou ao auge a campanha de acusações da imprensa e dos políticos em geral contra a sua pessoa. Buscavam indispor-lo com a Nunciatura Apostólica, realizando tratativas para silenciá-lo. Motivo: Dom Jaime, no seu programa semanal *A Voz do Pastor* atacava sistematicamente a política diplomática brasileira, favorável a uma aproximação com os países do Leste europeu. Em tempo o Cardeal conseguiu apagar a situação, tornando-a favorável para o seu lado. Entra em campo a aliança conservadora, que também temia a esquerdização do Governo, e que depois produzirá o Golpe de 64. Na sua casa sempre vai haver romaria de políticos, pedindo conselho ou apoio.

Outra campanha que Dom Jaime assumiu foi dirigida contra a *União Nacional dos Estudantes*, a UNE. Planejava formar uma frente episcopal contra essa entidade. Não silenciava na denúncia de que ela era comunizante. Quando lhe perguntaram como se sentia em meio a esse fogo cerrado, respondeu tranquilamente: "*Em paz com a minha consciência!*" Em 16 de maio de 1962, Dom Joaquim, também amedrontado com os universitários, escreveu-lhe, dando apoio: "*Mas aos adversários - mercê de Deus - o Arcebispo do Rio não lhes dá descanso. É o primeiro na brecha, e a sua voz é ouvida dentro e fora da sua Arquidiocese. Com referência à UNE, coloco-me à inteira disposição de Vossa Eminência*".

Nos acontecimentos de 31 de março de 1964, que culminaram na deposição de João GOULART, não se deixou levar pela corrente. No momento, Carlos LACERDA, governador da Guanabara, estava praticamente sitiado no Palácio, correndo risco de vida. Dom Jaime fez chegar a João Goulart sua advertência sobre a gravidade da situação, e não teve medo de levar seu conforto pessoal a Carlos Lacerda.

Era a figura da hierarquia eclesiástica preferida pelos governos revolucionários em seu lento e penoso diálogo com a Igreja. Ainda às vésperas de sua morte, entrevistara-se com MÉDICI. Era um interlocutor respeitado pelas duas partes. Após o Golpe de 64, exorcizado o perigo comunista,

vem outro sofrimento para o Cardeal: a perseguição e prisão de líderes cristãos e de religiosos. Neste ponto, mesmo não concordando com as posições dessas pessoas, tomava sua defesa com intransigência, não tendo sido poucas as indisposições com o estamento militar. Assumiu o sofrimento de cristãos que o combatiam. Nessas horas, não contava a ideologia, mas o respeito às pessoas da Igreja e aos direitos humanos.

Para a objetividade histórica, é bom se salientar que não é verdadeira a acusação de omissão de que foi vítima, no sentido de que apoiasse cegamente os militares. Para preservar sua posição de mediador, serviu-se da *Ação Social Arquidiocesana* para as denúncias contra as violações dos direitos humanos. Seu nome não aparecia, o que não significava que estivesse fechando os olhos a uma realidade gritante de violência institucionalizada.

Nosso século está marcado pela questão social: como resolver o conflito entre o capital e o trabalho, como solucionar a questão da terra, como acolher os novos moradores que incham as cidades? O socialismo, desde o século XIX, oferece uma solução. O capitalismo pretende resolvê-la pelo liberalismo econômico. A Igreja Católica não se furtou ao problema e as Encíclicas Sociais, desde Leão XIII, propõem caminhos. Dom Jaime sempre teve presente esse problema, desde Mossoró, onde assistira e propusera soluções aos conflitos nas salinas. Tanto lá como em Belém estimulou os Círculos Operários e a Ação Católica.

Seu interesse pelas questões sociais e pela execução das Encíclicas pontificias granjeou-lhe o título de "Cardeal das favelas". Poucas pessoas, como ele, conheceram a realidade fluminense: suas visitas pastorais o credenciaram como interlocutor competente para o encaminhamento dos problemas. Pessoalmente, às custas de suas economias, procurou minimizar o sofrimento dos pobres que, durante o seu pastoreio, encheram a Cidade Maravilhosa de favelas. Para a tarefa contou com os dois auxiliares de extrema competência e dedicação já lembrados acima: os Padres, depois Bispos-Auxiliares, Hélder CÂMARA e José TÁVORA.

**procurou minimizar o sofrimento dos pobres, que, durante o seu pastoreio, encheram a Cidade Maravilhosa de favelas.**

Em abril de 1945 redigiu e assinou, em nome do Episcopado, um Manifesto orientador da Doutrina Católica a respeito do problema social. O Manifesto provocou protestos, pois falava na participação nos lucros, o que era ensinamento das Encíclicas sociais de Leão XIII e Pio XI. Em carta aos Bispos, alguns em polvorosa, Dom Jaime se justificou dizendo que o assunto estava formulado em forma de pergunta aos empregadores, sem indicação de percentagens, nem de tempo, "*ficando a liberdade plena de imitarem o que já fazem muitos empregadores, que se distribuem dinheiro, ou de adotar outros métodos, como seja assistência médica, construção de habitações etc*". Nos nossos dias a discussão pode ser ingênua, mas era revolucionária e emocional na década de 40, quando se acelerava o processo de industrialização.

De 1º a 6 de janeiro de 1946 Dom Jaime promoveu e presidiu a Semana Nacional da Ação Católica. E no início da

década de 60, interferiu positivamente nas incipientes discussões sobre a questão agrária, assunto palpitante frente aos problemas nascidos no crescente êxodo rural. Mas a grande obra social da Arquidiocese do Rio de Janeiro foi, sem dúvida, a fundação da *Ação Social Arquidiocesana* (ASA), em 23 de março de 1944. Foi a resposta concreta do Arcebispo aos problemas sociais. Nesta empreitada, novamente mereceram destaque e reconhecimento seus auxiliares, Pe. Hélder CÂMARA e Pe. José TÁVORA.

A ASA surgiu nos debates da luta de classes, das incompreensões entre o capital e o trabalho e os litígios criados com a aplicação da legislação trabalhista, que começara a vigorar pouco antes. Ela foi estruturada em Departamentos: Cooperativa, Fundação Leão XIII, Casa da Empregada etc. No mesmo espírito surgiram, depois, o Banco da Providência e o Amparo Maternal.

A *Fundação Leão XIII* tinha como finalidade promover toda espécie de assistência aos habitantes dos Morros e favelas, e a urbanização e remoção dessas sublocações, que Dom Jaime conhecera bem em suas visitas pastorais. Mantendo o mesmo espírito, foi depois assumida pelo Governo Federal. O *Amparo Maternal* destinava-se às mães solteiras e moças grávidas que, com medo dos pais ou abandonadas pelo parceiro, aí encontravam refúgio e apoio. Fazia-se um trabalho de reconciliação junto à família ou parceiro. O Cardeal abençoou muitos casamentos, frutos da reconciliação aí obtida. A iniciativa do Cardeal tornou-se possível pela colaboração de Madre Luíza Sampaio VIANA, da Congregação das Angélicas.

O *Banco da Providência*, criado por Dom Hélder, aplicava os recursos obtidos com uma festa anual, a "Feira da Providência", promovida pelas comunidades e pelos governos dos Estados e Embaixadas junto ao Itamaraty. Sempre contou com a colaboração dos três níveis de Governo. Oferecia assistência geral aos necessitados, empréstimos com baixo juro, auxílios, mantinha escolas profissionalizantes para homens e mulheres. A obra continua. Havia ainda o *Apoio Fraternal*, fundado em 1938 pelo Cardeal LEME, mas concretizado por Dom Jaime, com a finalidade de socorrer os ricos fracassados, que ficavam sozinhos e envergonhados, e apoiar seus familiares que, com a falência, tinham alterado o estilo de vida.

As instituições de caráter social que criou, ao iniciar a direção da Arquidiocese, eram incumbidas também de edificar capelas nos morros. Assistência, portanto, social e espiritual. Tudo isso esteve no centro das preocupações de Dom Jaime que, no final da vida, entristecido, via aumentar a miséria econômica, social e moral do país. Fez a sua parte nestes campos. Em sua última palestra, transmitida no programa *A Voz do Pastor* poucos dias antes de morrer, assim se expressou: "*Fenômeno de alta disseminação, está o homem, hoje, tomado pela corrosão social da família, pelos exemplos do degenerado mundo exterior ao lar, pela destruição interna e progressiva dos conceitos de moral e ética e uma verdadeira obsessão compulsiva, voltada contra Deus. Orar já não basta, pois Deus, ao ver tanto pecado mortal, parece que abandonou o homem à própria saciedade. É preciso agir...*"

## DOM JAIME E DOM JOAQUIM

Uma amizade que só a morte encerrou

O *Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina*, da Arquidiocese de Florianópolis, guarda um verdadeiro tesouro: a correspondência entre Dom Jaime de BARROS CÂMARA e o Arcebispo de Florianópolis, Dom Joaquim DOMINGUES DE OLIVEIRA (1878-1967), no Bispado de Florianópolis por mais de meio século: 1914-1967.

A correspondência tem início em 1936, quando Dom Jaime vai para Mossoró, e só termina em fevereiro de 1967, três meses antes da morte do velho Arcebispo, que escreve com alegria que estava recuperado e "*já podia retornar ao costumeiro feijãozinho*". A irmã morte, porém, derrota o guerreiro em 17 de maio. É, praticamente, uma correspondência mensal de dois amigos, de dois confidentes na vibração pela mesma Igreja Católica. Como duas velhas comadres, nunca deixam de comentar o que fazem. E o fazem cheios de mesuras: são amigos, mas não esquecem que um é "*Eminência*" e o outro, "*Excelência*"; um usa roxo e o outro, vermelho.

Para sorte da história, Dom Joaquim dactilografava suas cartas, guardando cópia. Já Dom Jaime, escreve, com pouquíssimas exceções, à mão. Deste modo se pode acompanhar a história desses dois homens, grandes bispos da Igreja.

Dom Jaime, mais dengoso, sempre lembra seus cansaços e algumas doenças. Adorava falar das internações, da pressão muito próxima uma da outra, do trabalho que o estafava. Dom Joaquim, o homem que não podia fraquejar nunca, vitoriano que devia cair em pé, evita qualquer comentário a possíveis fadigas... Quanto mais velho, mais afirma que trabalha. Porfiam em ver quem trabalha mais. Se Dom Jaime escreve que visitou 10 capelas e fez 20 sermões, Dom Joaquim responderá que fez outros tantos e que no último domingo distribuiu a comunhão das 4.00 às 8.15h. Dom Jaime escreve que em Mossoró as feiras populares são um problema. Dom Joaquim responde que por aqui não há o problema das feiras, mas há um maior, o das domingueiras. Uma graça!

Uma realidade os une: o amor à Igreja, o zelo pastoral, a salvação das almas. Ciosos de sua dignidade episcopal, tudo sacrificam para que o rebanho possa ser protegido e defendido. Um grande afeto os unia. Dom Jaime sempre foi reconhecido a Dom Joaquim pela ordenação sacerdotal e a sagração episcopal. Anualmente expressa-lhe esse reconhecimento, o que deixa Dom Joaquim muito vaidoso: afinal, não é todo Bispo que impõe as mãos sobre um futuro Cardeal. E um Cardeal, para Dom Joaquim, simbolizava o que de mais nobre tinha gerado a Igreja Católica! O "*fantasma em chamas*" de CHESTERTON.

**Dom Jaime sempre foi reconhecido a Dom Joaquim pela ordenação sacerdotal e sagração episcopal**

O tratamento dos dois amigos: Dom Jaime assina " *pedindo-lhe a bênção o filho espiritual de V. Excia.* "; Dom Joaquim, por sua vez: " *de V. Eminência o muito atto. (atento), grato e adm.dor (admirador) servo e amigo* ". Essa deferência de Dom Jaime era exclusivamente para Dom Joaquim, a quem de fato admirava e consultava. Quando Dom Afonso NIEHUES, ex-aluno de Dom Jaime, assume a Arquidiocese de Florianópolis, o tratamento será apenas o de " *Prezado Dom Afonso* ". Dom Joaquim sempre lhe envia seus sermões, verdadeiras obras literárias. Dom Jaime não esquece de agradecer dizendo que já os leu e que muito proveito tirou.

O Arcebispo de Florianópolis tinha dificuldades de se dirigir à Nunciatura Apostólica, pois " *à Santa Sé se fala e se ouve de joelhos* ". Então se servia dos préstimos do Cardeal do Rio, sempre solícito em atendê-lo. Em situações impossíveis, Dom Jaime maneiramente sabia conformá-lo. Por exemplo, quando Dom Joaquim solicita a dignidade de " *Monsenhor Protonotário Apostólico* " para um sacerdote da Arquidiocese. Três vezes a solicitação é negada. Dom Joaquim insiste junto ao Cardeal, dizendo que o padre está deprimido, pois parece que a Santa Sé não confia nele. Dom Jaime o conforta: " *V. Excia. sabe que o Padre... é muito virtuoso e na sua humildade prefere ficar como está. É bom deixá-lo na sua virtude!* " Tudo bem, os dois se entendiam.

O Cardeal do Rio precisou de muita paciência para atender o Arcebispo de Florianópolis que, pelos idos de 1950, pediu um Bispo-Auxiliar, mas de olho num Padre da Arquidiocese. Acontece que a Nunciatura resolve dar-lhe um Coadjutor, não seu candidato. Dom Joaquim, preocupado, procura saber se não acabará por perder parte de sua autoridade. Dom Jaime escreve que não perde nada, que o Nuncio tinha-lhe informado que era apenas para os dois formarem um governo único, ele, é claro, continuando com todos os poderes do cargo. Depois, onde hospedar o Coadjutor? Dom Jaime diz que pode ser longe do Palácio. (Dom Felício ficou no Convento dos Franciscanos). Depois, como será a cerimônia de posse? O Coadjutor usará o Trono? O povo não pensará que a Arquidiocese tem dois Arcebispos? Dom Jaime responde que não precisa se preocupar com isso. Basta ler a bula diante do Coadjutor e do Clero. Não precisa de Trono. " *Tudo o mais que se fizer, será apenas fruto da caridade e conhecida generosidade de V. EXcia. E V. Excia não deve esquecer que a nomeação do Revmo. Sr. Dom Felício foi uma consideração pessoal da Santa Sé, pois foi V. Excia. que o sagrou Bispo de Penedo* ". E Dom Joaquim, nos seus 79 anos, ficou satisfeito, pois a Santa Sé sabe o que faz e a gente lhe obedece de joelhos.

Não lhes falta algum humor. Dom Jaime tencionava fundar uma grande empresa de rádio e jornal para tornar ouvida a voz da Igreja. Pede sugestões a Dom Joaquim. Este lhe responde a 24 de setembro de 1946, apoiando a iniciativa: " *Mas V. Emcia. não ignora que também tenho um bocadinho de prática do 'métier'. Penso na parte financeira, nervo do grande empreendimento, e sugeriria, para aquele departamento... um judeu da Judéia* ". A empresa não saiu do papel.

As viagens do Arcebispo de Florianópolis eram precedidas de exaustivas negociações sobre a hospedagem. É que Dom Joaquim não aceitava hospedagem em

residência episcopal, pois isso, para ele, poderia deixar prejudicado o cerimonial do cargo. *Noblesse oblige!* Como se hospedar na mesma casa de um Cardeal? Quem chega ou sai primeiro? Quem ocupa o primeiro lugar na mesa? Não poderia estar sendo quebrado o princípio da precedência?

Por ocasião do 36º Congresso Eucarístico Internacional de 1955, Dom Jaime souou para encontrar o local ideal, uma vez que Dom Joaquim recusou a hospedagem na Residência do Sumaré, apesar da rica biblioteca: afinal, quem pode permitir que um Eminentíssimo Senhor Cardeal puxe a cadeira para um Excelentíssimo Senhor Arcebispo? Depois de muitas propostas, uma é aceita: a residência de Dona Mercedes e do Sr. Prazeres, perto do Forte de Copacabana: " *V. Excia. terá altar armado na sala de visitas, quarto e banheiro independentes, varanda e saleta próprias, a menos que prefira ter as refeições com o casal. Junto ao quarto de V. Excia. há quarto com duas camas para o Secretário ou Secretários de V. Excia.* "

Em maio de 1956 Dom Joaquim ficou preocupado com a decisão de não se poder cobrar taxas para a Crisma, pois, não era o caso dele, alguns Bispos têm necessidade delas. Dom Jaime o acalma em seguida, escrevendo que o problema é mais de nome, conforme se informara junto à Nunciatura: desde que não conste na Tabela de Emolumentos, pode-se cobrar a taxa costumeira... O tratamento entre eles é subtil: quando discordam, o fazem com tais elogios que cada um finge dar razão ao outro, para não parecer indelicadeza. Dão a impressão de cederem à liberdade que os amigos se dão, mas logo se lembram dos " *íssimos* " que precedem seus nomes. Excelências e Eminências não se podem permitir intimidades!

### **Excelências e Eminências não se podem permitir intimidades**

Apesar de se dirigir a um Cardeal da Santa Igreja Romana, dos Títulos de Bonifácio e Aleixo, Dom Joaquim sabe que em Florianópolis quem manda é o Arcebispo, que a dignidade maior é o Episcopado e não a importância ou o tamanho da sede. Afinal, acima do Episcopado somente a maternidade divina de Maria e a Encarnação do Verbo, escrevera uma vez, citando BOSSUET. Um exemplo apenas, a resposta ao convite de Dom Joaquim para que Dom Jaime pregasse o retiro do Clero em dezembro de 1957. Dom Jaime escreve a 24 de setembro: " *Quando há só três dias de retiro, tenho proposto cinco pregações diárias, a fim de entrar em mais assuntos, sem os misturar. Nesse caso, alguns exercícios de piedade (via-sacra, terço) seriam feitos em particular. Diga-me V. Revma., sem o menor constrangimento, se V. Excia. prefere as quatro de costume, pois levo o desejo de satisfazer meu antigo Prelado* ". Resposta de Dom Joaquim, a 4 de outubro: " *Utilíssimo também seria que em vez de quatro houvesse cinco pregações diárias. Quanto mais, enfim melhor. Mando, porém, a V. Emcia. o incluso horário do Retiro, aqui tradicionalmente observado, e parece difícil encontrar nele o espaço suficiente...* " Dom Jaime responde, concordando, mas sugerindo ainda...

A 19 de outubro, escreve Dom Joaquim: " *Em vez de cinco, propõe V. Emcia. quatro Meditações (tinha*

proposto cinco!) . Repito que V. Emcia. resolve, e isso é o que será proposto ao Clero. Escreve V. Emcia. que 'os sacerdotes já rezam vários terços por dia'. Assim há de ser. Mas que pelo menos não deixem de rezar um. Acredito que V. Emcia. traga, pelo menos, o Cerimoniário do Trono. Cerimoniário e Assistentes. Estão mais práticos. Servirão melhor a V. Emcia., e darão um belíssimo e impressionante exemplo aos fiéis. Só me resta saber o número, para que possa providenciar pela hospedagem "... O estilo é de Dom Joaquim, mas quem assina, velho costume do Arcebispo quando não se sentia compreendido, é Mons. Frederico HOBOLD, Vigário Geral!

Poderíamos continuar, mas o mais que escreveríamos está incluído nos outros assuntos que tratamos, da vida de Dom Jaime. Uma observação final: é uma beleza o estilo literário das cartas. São dois literatos verdadeiros que se correspondem. Dom Jaime prima pela correção: cartas escritas à mão, no sertão do Rio Grande do Norte ou à margem dos igarapés do Pará, no Palácio do Rio ou em Roma, ou a bordo de algum transatlântico ou do avião, sempre escorreitas, sem nenhuma rasura ou erro gramatical. Uma virtude também os uniu: viveram e morreram pobres. Além de algumas roupas e livros, não deixaram bens. Sua amizade foi edificante exemplo de fraternidade episcopal, de vida cristã, e de bom gosto!

## NA PAZ DO SENHOR

O Pastor estava ficando velho, mas mantinha sua intensa atividade. Às vésperas de completar 75 anos intensificaram-se as críticas ao seu trabalho, afirmava-se que não tinha mais saúde para trabalhar, que era omissivo, acusações essas que muito sofrimento trouxeram a Dom Jaime. Fiel à Igreja, de acordo com o Decreto *Christus Dominus*, escreveu ao Papa Paulo VI a sua carta-renúncia.

Fiéis, religiosos e associações coletam centenas de milhares de assinaturas, num abaixo-assinado entregue na Nunciatura, pedindo ao Santo Padre que deixasse Dom Jaime trabalhando no Rio de Janeiro. Gustavo CORÇÃO escreve um artigo para provar como o Cardeal mantinha intensa atividade: publica uma de suas agendas mensais, carregada de compromissos. Mas Dom Jaime estava em paz com sua consciência, e esperava de Paulo VI a aceitação de sua renúncia. Esperou, e a resposta não veio.

No dia 7 de fevereiro de 1971 o Cardeal CÂMARA viajou para Belo Horizonte, para a Assembléia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Assembléia esta que cimentou a unidade da CNBB, ameaçada por desavenças internas. No dia 17 retornou ao Rio, donde logo viajou para Aparecida do Norte, onde comemoraria, no dia seguinte, com o Cardeal Dom Carlos Carmelo de VASCONCELOS MOTA, os 25 anos de cardinalato.

No dia 18 de fevereiro, às 10.00h, celebrou a Missa de ação de graças. Logo após dirigiu-se ao Palácio Paulino, onde estava hospedado e onde queria dar a versão definitiva de seu Testamento espiritual. Ao meio-dia começou a sentir fortes dores no peito. A um Irmão leigo, Dom Jaime pediu: "Reze por mim, reze por mim". E olhando para Mons. Ivo CALLIARI e Cônego Adelino COELHO, disse: "Estou morrendo". Eram 13.20h. Foram suas últimas palavras. O Rio perdia seu amado Pastor junto ao Santuário da Padroeira

do Brasil. Momentos simbólicos de sua vida: celebrara a Eucaristia, na Basílica da devoção mariana nacional. Os sinos tocaram. O Brasil chorou.

Pela integridade de seu caráter, Dom Jaime foi certamente o último ou um dos últimos dos nossos "príncipes da Igreja". Nele, o título de "Eminência Reverendíssima" casava-se harmoniosamente com a pessoa, as funções e a categoria de "príncipe de sangue" que é intrínseca ao cardinalato. A Pátria perdia um legítimo Príncipe da Santa Igreja Romana. Um modesto sacerdote de aldeia revestido de dignidade principesca.

As 18.00h do dia 19, Missa exequial na nova Catedral do Rio, ainda em construção. Seu sepultamento a inaugurou. Aos 76 anos de vida, DOM JAIME DE BARROS CÂMARA deixou a cidade dos homens para ingressar, definitivamente, na Cidade de Deus, que tanto anunciou e à qual sempre aspirou.

Nada deixou de bens materiais. "Dom Jaime vivia muito pobremente. Era uma luta conseguir trocar uma peça de sua roupa quando gasta. Normalmente, era tudo remendado mesmo. Até a sua primeira roupa de Cardeal, ele aproveitou a do seu antecessor, cortando daqui, apertando ali, pois o outro era muito maior do que ele. Era uma pessoa muito simples, não exigia nada de especial para si. Era muito bondoso, sacrificava-se pelas almas, pelo bem das almas. Sua vocação era a de missionário. Fizeram-no Bispo e ele teve de se conformar em permanecer na cidade, mas no íntimo continuava missionário. Era um homem doente, com diabete e sinusite, há muitos anos. Passou muito tempo em dieta de sal e de açúcar. E comia muito pouco, muito pouco mesmo" (é o depoimento das Irmãs Dóris e Adília, que o ajudavam nos trabalhos domésticos na residência do Sumaré).

A caridade lhe era conatural. Quando recebia algum envelope com donativos, não o abria. Entregava-o assim mesmo ao primeiro que lhe vinha pedir uma esmola. Palavras do grande escritor e polemista Gustavo CORÇÃO: "Nosso bom Dom Jaime já apresentou ao Pai do Céu a simplicidade e a humildade com que viveu seus 25 anos de Cardeal nos dias mais tormentosos da história da Igreja. Não fez arruído. Fez o bem. Num dia fui visitá-lo na Beneficência Portuguesa, onde convalescia e disse-lhe: Precisa ficar bom, Dom Jaime, porque o senhor está fazendo falta!... Num movimento de surpresa, descruzou as mãos, pousou a direita em meu braço e perguntou aflito: 'O Senhor acha mesmo que eu faço alguma falta?'. Suas mãos tremiam".

## um modesto sacerdote de aldeia revestido de dignidade principesca

Seu conterrâneo, o Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo ARNS, dele escreveu: "O que mais me impressionou em Dom Jaime foi, sem dúvida, sua fidelidade. Fidelidade a si próprio, à igreja, à vida, à doutrina, à disciplina. Fidelidade à Pátria - e nesse ponto, exigente em relação ao patriotismo, ao civismo e à honra do Brasil. Fidelidade ao trabalho: nomeado, para espanto seu, Arcebispo do Rio de Janeiro, prometeu desde logo que iria trabalhar, e morreu esgotado pelo trabalho.

*Fidelidade aos amigos e às idéias, fazendo esforço enorme para atualizar-se sem renegar o passado da Igreja ou o seu próprio, mas sobretudo fidelidade ao Homem, pequeno, trabalhador, como também ao Homem da mais alta responsabilidade. Sua fidelidade era tal que, ao divergir dele, sabia-se sempre de que se divergia e era difícil não admirá-lo mesmo divergindo. Sua fidelidade chegava a ser sinônimo de simplicidade absoluta. Dom Jaime era Dom Jaime para todos os brasileiros. Ninguém nesta hora seria capaz de aquilatar o que Dom Jaime significou para a história da Igreja e do Brasil".*

O Cardeal CÂMARA foi um padre que viveu de sua fé. Quando perguntou a alguém os seus defeitos, esse alguém lhe respondeu que seus defeitos, se os tinha, podiam ser atribuídos a uma rigidez de princípios fundamentais na fé. Em suas queixas reservadas a respeito do que vinha ocorrendo na Igreja, após o Concílio, só via um fato que o entristecia: a maneira com que certos sacerdotes falavam a respeito dos dogmas. "É muito triste!", disse certa vez, "quando se sente que alguns padres não transmitem ao povo a fé na Eucaristia, em Nossa Senhora e nos Sacramentos". Se, como homem, era fiel à sua consciência, como sacerdote Dom Jaime enfrentava qualquer obstáculo quando era necessário afirmar a sua fé.

Como que antevendo seu fim próximo, Dom Jaime quis escrever seu Testamento em Aparecida. Não pôde concluí-lo. Ficaram dois períodos, suas últimas linhas escritas minutos antes da morte:

*"É daqui, junto ao Santuário Nacional da celeste Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, onde estou celebrando com Sua Eminência Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota o 25º aniversário de Cardinalato; é daqui que envio à minha família diocesana e aos meus parentes este meu derradeiro Testamento, que anula os precedentes, visto que se modificaram as circunstâncias com que foram escritos os anteriores. É meu firme propósito e pensamento, confiado nos auxílios divinos, perseverar até o último suspiro na fé católica do meu batismo, sempre fiel à Santa Igreja de Cristo, à obediência ao Sumo Pontífice e ao sacerdócio de Jesus Cristo, de que sou participante, apesar de indigno pecador".*

As fortes dores que preanunciavam o fim não permitiram que escrevesse mais. E nem era preciso. O testamento de um homem é a sua vida.

Extinguiu-se santamente uma existência humana e cristãmente fecunda. O menino de Santa Catarina, nascido em São José da Terra Firme, minutos antes do desfecho

final, escrevera: "É meu firme propósito.... perseverar na fé católica do meu Batismo". E morreu como queria: fiel à fé do seu Batismo. ♦

## FONTES BIOBIBLIOGRÁFICAS E BIBLIOGRAFIA

Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina, da Arquidiocese de Florianópolis, SC

Arquivo Dom Jaime de Barros Câmara, do Seminário Menor Metropolitano de Azambuja, Brusque, SC

CÂMARA, Dom Jaime de Barros, Cardeal, "Por que me tornei sacerdote?", Ed. Paulinas, SP, 1967, p. 68-71

Jornal A UNIÃO, Rio de Janeiro, 29-8-1943

BESEN, José Artulino, "Azambuja - 100 anos", Brusque, 1977, p. 94-111

RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio, Arcebispo de Belém do Pará, Homilia na Missa de 7º dia de Dom Jaime de Barros Câmara, in O LIBERAL, Belém, 28-2-1971

CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 19-2-1971; O GLOBO, Rio de Janeiro, 19-2-1971

ARNS, Dom Paulo Evaristo, Cardeal, in O ESTADO DE SÃO PAULO, São Paulo, 19-2-1971

O ESTADO DE SÃO PAULO, São Paulo, 20 e 21-2-1971

CORÇÃO, Gustavo, "O Bom Pastor", in CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 28-2-1971

ALONSO, Martins, "Dom Jaime de Barros Câmara - Vida, Pensamento, Obras", Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula, Rio de Janeiro, 1972

CALLIARI, Mons. Ivo Antônio: 1º capítulo de sua futura biografia do Cardeal Câmara, in REVISTA PASTORAL DE CONJUNTO, Florianópolis, fevereiro de 1981

Depoimentos, por escrito, de Mons. Valentim LOCH, Mons. Arlindo THIESEN, Mons. Huberto BRÜNNING, Cônego Agenor NEVES MARQUES, ex-alunos de Dom Jaime

## Endereço do Autor:

Catedral Metropolitana  
Casa Paroquial  
Rua Arcipreste Paiva, 70  
88010-530 FLORIANÓPOLIS, SC